

A Páscoa de Amor de S. Teresa de Lisieux

— «O Amor só se paga com o Amor» (...). «Para corresponder a todo o amor de Jesus quereria fazer por Ele o que Ele fez por ela»¹.

— «Minha querida Mariazinha, por mim não conheço outro meio para chegar à perfeição que «o amor»... Amar, como o nosso coração é bem feito para isto!... Por vezes procuro um ou outro termo para exprimir o amor, mas na terra do exílio as palavras são impotentes para dar todas as vibrações da alma; assim, é preciso ater-se a este único termo: «Amar!...»... Mas, a quem o nosso pobre coração, faminto de Amor, o prodigará?... Ah, quem será bastante grande para isso... um ser humano poderá compreendê-lo... e, sobretudo, saberá dá-lo?... Maria, só há um ser que pode compreender a profundidade deste termo: Amar!... Só o nosso Jesus sabe dar-nos infinitamente mais que nós lhe damos...»².

Introdução

Pretendemos neste texto que seja «ele» (T. Vénard), melhor «ela» (Teresa), «quem fale»³, o que nos obriga, à partida, a ser parcós e comedidos no nosso discurso, para que o leitor possa por si ouvir esta «criança que fala»⁴ e até «escreve com o coração»⁵ sobre

¹ Ms A, 85v^o.

² Ct 109.

³ CA 21/26.5.1.

⁴ Ms B, 1r^o.

⁵ Ct 133. Deve, por isso, ser lida com o coração: «É só o teu coração que poderá ler esta carta» (Ct 142). De facto, «o coração humano tem sempre infinita sede de amar e ser amado. Porque a mensagem de Teresa vem da profundidade essencial do coração humano, alcança-o na mesma profundidade. É uma mensagem que vai directa ao coração, que fala a este coração profundo que é sempre o mesmo através das épocas e culturas mais diferentes... O coração humano tem necessidade

«os segredos do Rei»⁶, «as coisas do seu amor»⁷, apenas «balbuciadas, porque impossíveis de reproduzir à palavra humana»⁸.

Porque «ninguém pode viver sem amor»⁹, e porque «só o amor é digno de fé»¹⁰, necessitamos de fiar-nos na palavra e no testemunho de Teresa sobre o amor, na sua simplicidade e profundidade, para que esta «alma amiga»¹¹, em diálogo fraterno connosco, nos convença da sem-razão de «ter medo de um tão terno Amigo»¹² e, como ela, «O amemos, porque Ele não é senão amor e misericórdia»¹³.

«Preciso de um coração ardente de ternura
Que seja meu apoio sem nenhuma reserva
Que ame tudo em mim, mesmo minha fraqueza...
Que nunca me abandone, nem de noite nem de dia».
Não pude encontrar nenhuma criatura
Que me amasse sempre, sem nunca morrer
Preciso de um Deus que tome minha natureza
Que se torne meu irmão e possa sofrer!¹⁴

Ao compartilhar com S. Bernardo a visão contemplativa do mistério da Encarnação — «Jesus, quem te fez tão pequeno? o

infinita de amar e ser amado e somente o amor de Jesus o pode contentar» (F. M. Léthel, *L'Amour de Jésus*, em *Thérèse de L'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, pp. 114 e 125). «Quando considero Jesus, como (meu coração) me parece pequeno!... Queria tanto amá-lo!... Amá-lo como nunca foi amado!...» (Ct 74). «Nosso Senhor querendo só para Si o meu primeiro olhar, dignou-se pedir o meu coração desde o berço, se me posso exprimir assim» (Ct 201).

⁶ Ms B, 1v^o.

⁷ Ms A, 49r^o.

⁸ Ms B, 1r^o. O substantivo «amor» recorre 756 vezes os seus escritos, o verbo «amar» 704 vezes e o adjetivo «amoroso» aparece 7 vezes (Cf. *Les Mots de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus. Concordance Générale*, Cerf, 1996, pp. 51-59).

⁹ J. Paulo II, *Redemptor Hominis*, n. 10.

¹⁰ «No seu amor, Deus ama tanto preservando do pecado, quanto perdando o pecado» (H. U. von Balthasar, *Teresa de Lisieux. Historia de una Misión*, Herder, Barcelona, 1989, p. 358). «Ama com mais intensidade / Aquele a quem mais se perdoa» (RP 4, 3).

¹¹ Ct 261.

¹² Ct 226.

¹³ Ct 266. Estamos ante «o Jesus do amor e da paz» (Ct 92). É que «Jesus arde de amor por nós... Olha a sua Face adorável!... Olha esses olhos apagados e baixos!... Olha essas chagas... Olha Jesus na sua Face... Aí verás como ele nos ama» (Ct 87). «Ele ensina-me a fazer tudo por amor, a não Lhe recusar nada, a estar atenta quando me dá uma ocasião de Lhe provar que o amo, mas isto dá-se na paz, no abandono, é Jesus que faz tudo e eu não faço nada» (Ct 142).

¹⁴ P 23, 4.

amor»¹⁵ — na óptica do amor, Teresa, com os olhos neste Deus seu «irmão», acerta com a natureza do amor: «o próprio do amor é abaixar-se»¹⁶. Daqui parte, em nossa opinião, o carisma contemplativo-apostólico de Teresa na Igreja, a saber, «o dom da sua Misericórdia infinita»¹⁷, de que ela é profeta e mártir: «no Coração da Igreja, minha Mãe, serei o Amor»¹⁸. Consciente de que «a bondade e a misericórdia de Jesus são pouco conhecidas»¹⁹, não só no mundo que não crê, não espera e não ama a Deus, porque nega a sua existência, a «mega-tentação» do homem de hoje, que não se deixa amar por Deus, mas por quem, em nome do amor e por amor, ela ama, para que ele se abra ao amor²⁰, mas ainda nos «discípulos do mundo e nos seus *discípulos íntimos*»²¹, aceita o desafio de ser instrumento do amor de Deus, precisamente lá onde é mal amado ou onde nem sequer é acreditado, quanto mais amado²².

«Teresa descobriu em Deus a fonte do amor. Na Igreja saboreou o rio incessante que corre pelo seu canal. É no coração da Igreja que mata a sua sede. É do coração da Igreja que vai contribuir para expandir estas ondas do amor infinito sobre os mais afastados, sobre os que delas estão privados, os pecadores; sobre os que as rejeitam, os ateus; sobre os que as ignoram, os indife-

¹⁵ Ct 162.

¹⁶ Ms A, 2v^o. Teresa contempla o abaixamento do amor no mistério da Encarnação, da Cruz e da Eucaristia (Or 20). «Sé é verdade que a natureza do amor é tal que deve incluir, a título de disposição fundamental, a necessidade de abaixar-se, desde o momento em que Deus é infinitamente amor, entra dentro da sua mesma natureza o ser levado infinitamente a inclinar-se para todas as misérias, todas as deficiências, todos os pecados. Mas se o próprio do amor é abaixar-se, o amor infinitamente santo e perfeito não pode abaixar-se para a sua criatura miserável ou pecadora sem querer fazê-la participar de sua perfeição» (A. Combes, *Santa Teresa de Lisieux y su Misión. Las grandes leyes de la espiritualidad teresiana*, Edic. «Dinor», San Sebastian, 1957, pp. 82-83).

¹⁷ Ms A, 83 v^o.

¹⁸ Ms B, 3v^o.

¹⁹ Ct 261. «Ó Jesus, será possível que tanto amor seja mal conhecido?» (RP 2, 3r^o).

²⁰ «Se soubesses quanto o bom Deus é ofendido! A tua alma está feita para o consolar... ama-o até à *loucura* por todos os que não o amam!...» (Ct 93).

²¹ Ms B, 1v^o.

²² «Só quando tivermos aprendido, pelo silêncio de Deus, a «sentar-nos a comer o pão da dor» e não «queiramos levantar-nos desta *mesa de amargura* onde comem os pobres pecadores» até que chegue o dia assinalado por ele, só então, estaremos na disposição de reconhecermos a sua presença e de a fazer partilhar ao mundo indiferente em que vivemos» (J. M. Velasco, *El malestar religioso de nuestra cultura*, Madrid, 1993, p. 299).

rentes. Só a força do amor pode abater o muro da indiferença e fazer cair todas as descrenças, todos os mal-crentes, todos os ateísmos. Como revelar aos nossos contemporâneos a presença actuante do amor de Deus por eles? Como dizer ao homem sedento de felicidade, que Deus, e só Deus, quer e pode dar-lhe em plenitude aquilo a que aspiram o seu coração e o seu espírito, sem nunca o poder conquistar? Teresa aporta às questões do mundo da não-crença a única resposta válida, porque vem de Deus: o Amor, um amor crucificado, o amor imolado»²³.

Deste modo, a paulina «pregação de Cristo crucificado» (1 Co 1, 23) encontra em Teresa mais actualidade que nunca²⁴, pois o seu «viver de amor» acabou como «morrer de amor»²⁵. O amor operou nela «a transformação da alma em Si»²⁶, isto é, «abaixou-se até ao seu nada e transformou este seu nada em fogo»²⁷. O amor foi nela alegria, dor e glória, como ela mesma canta com «toda a sua alma» de enamorada.

«O amor, este fogo da Pátria
Não cessa de me consumir
Que me importa a morte ou a vida?
Jesus, minha alegria é amar-te!»²⁸

Esta «amada no Amado transformada», com todo este potencial de amor e felicidade, é certamente um referencial ímpar de credibilidade, sobretudo, para os que ainda não encontraram o sentido da vida na «luz da vida», que é o amor.

«Às portas do terceiro milénio, o homem mais que nunca, tem necessidade de encontrar razões para viver. Ora, o amor é a razão mais fundamental de viver. O mundo da descrença só pode ser desmantelado pela força do Amor»²⁹.

²³ P. Poupard, *Thérèse de Lisieux: La force de l'amour pour le monde de l'incroyance*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, p. 310.

²⁴ «Viver d'Amor... é subir o Calvário / É olhar a Cruz como um tesouro!...» (P 17, 4).

²⁵ «Quero cantar ao sair deste mundo: «Morro d'Amor!» (P 17, 13). «Por ti, devo morrer, Menino, Beleza Suprema» (P 51, 5).

²⁶ Ms A, 83r^o.

²⁷ Ms B, 3v^o.

²⁸ P 45, 7.

²⁹ P. Poupard, *a. c.*, p. 298. «É ela quem a tantos miseráveis deu razões para viver e a tantos pecadores deu razões para amar o Amor» (A. Combes, *o. c.*, p. 294).

Um olhar sobre a sua vida, vista por ela própria, faz ver o *crescendum* da sua força de amar, a graduação do amor, desde o início da vida familiar até ao limiar da eternidade.

«O vosso amor precedeu-me desde a infância, cresceu comigo, e agora é um abismo, cuja profundidade não consigo sondar»³⁰.

Já na plenitude da vida teologal — «estou unida Àquele que amo com todo o meu poder de amar»³¹ — pode mostrar-nos «as riquezas que ganhou no amor puro... os passos formosos que deu em Cristo»³², no dizer dela, «a doçura do caminho do amor»³³. Na sua «corrida de gigante» — «com o *amor* não avanço apenas mas *voou*»³⁴ — já «a criança de catorze anos» era misericordiosamente «instruída em segredo sobre as coisas do amor»³⁵; posteriormente, já adulta de vinte e três anos, «desejava comunicar os segredos de amor»³⁶.

«Deus é admirável, mas, sobretudo, ele é amável, amemo-lo pois... amemo-lo bastante para sofrer por Ele tudo o que ele quiser, mesmo as penas de alma, as aridezes, as angústias, as friezas aparentes... Ah! É um grande amor amar Jesus sem sentir a doçura deste amor... é um martírio. Pois bem, *morraremos mártires*... Eis o amor levado até ao heroísmo»³⁷.

Entretanto, cada dia, no segredo do seu coração, orava: «tu Jesus sê *tudo*... o amor infinito sem outro limite que tu»³⁸. Até que chegou o dia, em que recebeu a graça de compreender mais do que

³⁰ Ms C, 35r^o. «Minha querida tiazinha, crescendo, o coração de vossa filhinha cresceu também em ternura por si» (Ct 125). «Quanto mais avançamos na vida mais amamos Jesus» (Ct 132). «A minha ternura cresce cada dia» (Ct 177). É *natural* o seu amor pelo P. Bellière: «a ternura que tenho pela sua alma» (Ct 261).

³¹ Ct 245.

³² S. João da Cruz, Ct 7.

³³ Ms A, 83r^o; 84v^o.

³⁴ Ms A, 80v^o.

³⁵ Ms A, 39r^o.

³⁶ Ms B, 5v^o.

³⁷ Ct 94. «O meu bem amado é *todo amável*, o seu rosto inspira o amor, e a sua face inclinada impulsa-me a render-lhe amor por Amor» (Ct 108).

³⁸ Or 2. «Ó Santa Madalena! alcançai-me a graça de a minha vida não ser senão um acto de amor» (Or 5, 5r^o). «Recomeçarei uma vida nova em que cada instante será um acto de amor e de renúncia» (Or 7).

nunca, quanto Jesus deseja ser amado³⁹ e se consagrou a amá-lo — «desejo Amar-vos e fazer-vos Amar» —, com toda a sua vida, «afim de viver num acto de perfeito Amor»⁴⁰. Apesar da ascese do amor, do seu esforço de amar — «lutarei por vosso Amor até à tarde da minha vida»⁴¹ — ela reconhece a possibilidade passiva de amar Jesus com o próprio amor com que é amada.

«É o teu amor, Jesus, que eu reclamo
É o teu amor que me há-de transformar
Põe no meu coração a tua consumidora chama
E poderei bendizer-te e amar-te
Sim poderei amar-te como se ama
E bendizer-te como se faz no Céu
Amar-te-ei com o mesmo amor
Com que me amaste, Jesus Verbo Eterno»⁴².

Na verdade, só Jesus podia colmar a necessidade infinita do seu coração⁴³ e exigi-lo em resposta ao seu amor: «Tu queres o meu coração, Jesus, eu to dou»⁴⁴. A «re-entrega» de Teresa, o seu abandono — «agora é só o abandono que me guia»⁴⁵ — é o fruto delicioso do amor.

«Esta Árvore inefável
Tem por nome o Amor,
E o seu fruto delicioso
Chama-se o Abandono»⁴⁶.

³⁹ Ms A, 84r^o. «Foi-me dado compreender também o amor do Coração de Jesus» (Ct 247). «De tua *Boca Adorada* nós ouvimos a *queixa amorosa*; compreendendo que a sede que vos consome é *uma sede d'Amor...*» (Or 12).

⁴⁰ Or 6. «A vida da irmã Teresa do Menino Jesus foi um acto de amor a Deus. Realizou na terra o conselho de S. Paulo : «Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo por amor de Deus». No dia 25 de Julho de 1894, a Comunidade tirou à sorte umas sentenças piedosas. O bilhete que a ela lhe tocou foi este : Se em qualquer momento vos perguntam: que fazeis?, a vossa resposta deve ser Amo. No refeitório? Amo. No trabalho? Amo, etc. Este bilhete que ela guardou até à sua morte, deu-lhe uma satisfação enorme. Disse-me: É o eco da minha alma; desde sempre entendo assim o amor e exercito-me em vivê-lo» (Maria da Trindade, PA, p. 474).

⁴¹ Or 17.

⁴² P 41, 2. É a sãojoanina «consumação do amor»: «O amante não pode estar satisfeito se não sente que ama quanto é amado» (CB 38, 3).

⁴³ «Só tu, ó Jesus, pudeste contentar uma alma / Que tinha uma infinita necessidade de amar» (P 53, 2).

⁴⁴ P 36, 5.

⁴⁵ Ms A, 83r^o.

⁴⁶ P 52, 3.

Se, por um lado, «não podia compreender o imenso amor que O fez descer do Céu à terra», por outro, «o espinho, a cruz, a lança / fazem-na estremecer de amor», a ponto de «querer responder ao Seu amor / para testemunhar quanto o ama», e, a exemplo dele, quanto ama os seus irmãos.

«Como tu amo as almas
Amo-as com um grande amor»⁴⁷.

Aquela que «não se arrependeu de se ter entregado ao Amor»⁴⁸, diz-nos, em definitivo, no seu último adeus à noviça Maria da Trindade, a sua última vontade a nosso respeito: «Que a tua vida seja toda de humildade e de amor»⁴⁹.

«O vosso amor precedeu-me desde a minha infância»

Chama a atenção, logo de entrada, que Teresa, ao começar a escrever, a 8 de Setembro de 1895, a «história da (sua) alma», imediatamente se desocupe de si e se ocupe de Deus, isto é, comece a cantar «as Misericórdias do Senhor» (Sl 88, 2). Tal atitude, confere uma nota evangélica ao mistério da sua vida, entendida e vivida como graça (Mc 3, 13). O «paulinismo teresiano» do Deus que faz misericórdia a quem quer (Rm 9, 16), é a sua «pequena teologia da Misericórdia de Deus»⁵⁰; é, no seu mesmo dizer, «o mistério dos privilégios de Jesus para com a sua alma»⁵¹. Ela sabe e sente-se, na sua abundante experiência da graça — «o que Deus fez por mim» —, uma mulher «cheia de graça», uma «preferida», cuja vida é uma «teologia narrativa», um «magnificat» da riqueza da misericórdia.

«Não é a minha vida propriamente dita que vou escrever, são os meus *pensamentos* acerca das graças que Deus se dignou conceder-me... É com alegria que venho cantar junto de vós as misericórdias do Senhor»⁵².

⁴⁷ RP 3r^o-3v^o; 2, 1r^o. 6v^o.

⁴⁸ CA 30.9.

⁴⁹ Ct 264.

⁵⁰ C. Meester, *Dynamique de la confiance*, Cerf, Paris, 1995, p. 418.

⁵¹ «Nosso Senhor que se ocupa tão particularmente de cada alma» (Ms A, 3r^o), ocupou-se, de uma maneira excepcional, da sua: «parece-me que a cada instante este Amor Misericordioso me renova» (Ms A, 84v^o).

⁵² Ms A, 3r^o-3v^o.

Deste modo, a *sua* história, mais que sua, passa a ser a história de Jesus nela ⁵³, e a sua vida converte-se toda ela numa liturgia de acção de graças pelo que o Onnipotente fez na sua pequenez.

«A flor que vai contar a sua história alegra-se de poder publicar as amabilidades totalmente gratuitas de Jesus, reconhece que nela nada era capaz de atrair os seus olhares divinos e que somente a sua misericórdia realizou tudo o que nela há de bom... Foi Ele quem a fez nascer numa terra santa e como que toda impregnada dum *perfume virginal*. Foi Ele quem a fez preceder por oito Lírios de esplendorosa brancura. No Seu amor, quis preservar a sua pequena flor do sopro envenenado do mundo; mal a sua corola começou a entreabrir-se logo o divino Salvador a transplantou para a montanha do Carmelo...» ⁵⁴.

A narradora e cantora, ao começar o primeiro período da história da sua alma, de curta duração, reconhece, já aos 2 anos e meio, a influência da graça na sua inteligência e memória de menina precocemente amada, naquela festa do amor familiar.

«Toda a minha vida Deus me quis rodear de *amor*, as minhas primeiras recordações estão marcadas por sorrisos e pelas carícias mais ternas!... mas se acumulou tanto *amor* junto de mim, também pôs muito dentro do meu pequeno coração, criando-o afectuoso e sensível, de modo que amava intensamente o Papá e a Mamã e lhes testemunhava de mil maneiras a minha ternura, pois era muito expansiva» ⁵⁵.

Apesar de ter «um coração de ouro» e «um lindo rosto de predestinada», «estava longe de ser uma menina sem defeitos», conforme se pode observar no seu crescimento, efeito do difícil jogo entre a natureza, a graça e a educação.

⁵³ «Aí tendes tudo o que posso dizer-vos sobre a vida da vossa Teresinha, o que ela é e o que Jesus fez por ela» (Ms A, 84v^o). Ela é realmente uma «pessoa cristiforme», uma «memória viva da forma de existir e actuar de Jesus», «um verdadeiro sinal de Cristo no mundo» com sua existência «transfigurada» (J. Paulo II, *Vita Consecrata*, Roma, 1996, nn. 19. 22. 25. 35).

⁵⁴ Ms A, 3v^o.

⁵⁵ Ms A, 4v^o. «O Senhor rodeou-me sempre / De amor!...» (P 18, 1). «Para ela todas as ternuras puras são cristal diáfano para olhar a ternura de Deus humanado: «o Apóstolo-Virgem se aproximou de teu Coração / No seu repouso conheceu tua ternura / ... Adormeço no teu Coração / Ele é meu» (P 24, 20). «Mais tarde dirá : «Se o meu coração não tivesse sido *elevado para Deus desde o seu despertar*, se o mundo me tivesse sorrído desde a entrada na vida, que teria sido de mim?» (Ms A, 40 r^o).

«Com natureza assim, se fosse educada por Pais sem virtude ou então se como Celina tivesse sido amimada por Luísa, ter-me-ia tornado muito má e talvez me tivesse perdido... Mas Jesus velava pela sua pequena noiva, quis que tudo contribuisse para o seu bem, até mesmo os seus defeitos que, muito cedo reprimidos, lhe serviram para crescer na perfeição... Como tinha *amor próprio* e também *amor do bem*, logo que comecei a pensar com seriedade (o que fiz desde muito pequena) bastava dizerem-me que uma coisa não estava *bem*, para não ser preciso que mo repetissem segunda vez...»⁵⁶.

Teresa parece já estar toda nas suas respostas prontas, raríssimas para a sua idade, nas decisões fortes da infância — «*Eu escolho tudo*» —, e na vontade robusta da juventude: «Não quero ser *santa a meias*... *Eu escolho tudo* o que vós quiserdes». Esta radicalidade no uso da sua liberdade e responsabilidade de escolha do «tudo» da «santidade» é a sua «biografia essencial», no seu dizer, «o resumo de toda a sua vida». Nesta idade da sua vida, era feliz — «anos de sol que passaram rapidamente» —, pois, tudo lhe sorria à face da terra. Com o advento do sofrimento — «o inverno da prova» —, a doença e a consecutiva morte da mãe, começou o segundo período da sua alma, o mais doloroso dos três, que afectou o seu carácter, mas compensado pelo aconchego do lar.

«Não podia suportar a companhia de pessoas estranhas e não encontrava alegria senão na intimidade da família... Não obstante continuava a ver-me rodeada da mais delicada ternura»⁵⁷.

Ela, que leu o fio da sua vida na luz da Misericórdia, lê este período, sob o prisma da providência do amor materno de

⁵⁶ Ms A, 8v^o. É uma «natureza escolhida», que cedo mostrou a «veracidade» da sua «espiritualidade» infantil: «não mentirá nem por todo o oiro do mundo, tem espírito como nunca vi em nenhuma de vós» (Ms 11r^o). «Ser «boa», é a resposta do amor ao amor da sua família, que é um amor perfeitamente puro» (H. U. von Balthasar, *o. c.*, pp. 133 e 135).

⁵⁷ Ms A, 13r^o. Ao mesmo tempo em que se perdia o equilíbrio da família pela morte da mãe, recupera-se, de modo existencial, pela maternidade da sua nova Mamã: «Deus quis dar-me outra na terra e quis que eu a escolhesse livremente». Deus tirou-lhe uma mãe e deu-lhe duas, melhor, três: «quanto a mim, é Paulina quem será Mamã»; «vós, minha Madre, e Maria não éreis para mim as mais ternas e desinteressadas mães?»; «o coração tão terno do Papá ajuntara ao amor que já possuía um amor verdadeiramente materno!». Embora «o amor familiar continue mais dirigido ao Céu, contudo, a maternidade desse amor não sofreu alteração» (H. U. von Balthasar, *o. c.*, p. 137).

Deus, manifestado nas maternidades substitutivas de suas irmãs e de seu pai.

«Ah! se Deus não tivesse concedido em abundância tão benéficos raios à sua pequena flor, nunca ela teria podido aclimatar-se à terra, era ainda demasiado frágil para suportar as chuvas e tempestades, precisava de calor, de doce rocío e brisas primaverais; nunca lhe faltaram todos estes benefícios, Jesus fez-lhos encontrar, mesmo sob a neve da prova!»⁵⁸.

De facto, nos Buissonnets, a família, com o seu ritmo de vida austera, nos dias feriais, e alegre, aos domingos, foi a primeira escola, onde ela foi educada, com força e suavidade, nos rudimentos da cultura humana, a ler e a escrever, e da cultura cristã, o catecismo, a história sagrada, a oração, a esmola aos pobres, o amor a Deus⁵⁹, o sentido do pecado e o seu perdão⁶⁰, a devoção a Nossa Senhora⁶¹, ao Santíssimo Sacramento⁶², os sermões⁶³, a vêr-se em Deus⁶⁴.

«Pergunto-me às vezes como é que vós me pudestes educar com tanto *amor* e delicadeza sem me amimar, porque realmente nunca me perdoáveis sequer uma imperfeição, nunca me repreendestes sem motivo, nem *nunca* voltastes atrás em decisão que tivésseis tomado...»⁶⁵.

Esta rica educação familiar serviu de contraponto à educação escolar que, pelos 8 anos e meio, começou a receber no colégio da Abadia. Durante 5 anos, os mais tristes da sua vida, esta estudante de sucesso, sofreu imenso, por não ter sido bem integrada na turma adequada à sua idade. Menos mal que esta compressão do Colégio

⁵⁸ Ms A, 13r^o-13v^o.

⁵⁹ «*Amava muito a Deus* e oferecia-lhe muitas vezes o meu coração» (Ms A, 15v^o).

⁶⁰ «Perguntei-vos mesmo se não era preciso dizer ao Sr. P. Ducellier que *o amava de todo o coração* pois era a Deus que por seu intermédio ia falar» (Ms A, 16v^o). Teresa deu a sua interpretação pessoal da afirmação central da Revelação — «Deus é Amor» (1 Jo 4, 8-16) — ao gravar na porta da sua cela o que, no seu coração, o E. Santo ia escrevendo: Jesus é o meu único amor» (F. M. Léthel, *a. c.*, p. 113).

⁶¹ «Prometi redobrar de ternura para com ela» (Ms A, 16v^o).

⁶² «Que alegria espalhar flores ao passar Nosso Senhor» (Ms A, 17r^o).

⁶³ «O primeiro que *compreendi* e me *impressionou profundamente* foi um sermão sobre a Paixão» (Ms A, 17v^o).

⁶⁴ «O meu nome estava escrito no Céu...» (Ms A, 18r^o).

⁶⁵ Ms A, 18v^o.

era contrabalançada pela expansão na Família ⁶⁶. Parece que até mesmo neste equilíbrio de contrastes, andava o segredo de uma atenção particular do Alto para com esta cândida menina.

«A pobre pequena flor tinha-se habituado a mergulhar suas frágeis raízes numa *terra escolhida*, preparada directamente para ela, e por isso lhe parecia insuportável ver-se no meio de flores de toda a espécie, com raízes por vezes muito menos delicadas, e obrigada a procurar numa *terra comum* o suco necessário para a sua subsistência» ⁶⁷.

No entanto, além desta pedagogia normal do amor de Deus para com ela, levada a cabo mediante a educação humano-cristã, no seio da sua família, e cultural, no colégio, Teresa reconheceu uma outra pedagogia extraordinária do amor de Deus para consigo, preparando-a à distância do tempo, na idade dos 6 ou 7 anos, para o acontecimento misterioso da prova do seu pai ⁶⁸.

«Um dia Deus mostrou-me, numa *visão* verdadeiramente extraordinária, a imagem *viva* da prova que Ele teve por bem anunciar-nos com antecedência» ⁶⁹.

Ela bem interrogava o Céu, mas o segredo divino permaneceu fechado durante 14 anos ⁷⁰, até que, por fim, lhe foi revelado ⁷¹. Teóloga dos «sinais dos tempos» nos acontecimentos da sua vida, a dos seus é também sua vida, mantêve-se, contudo, inquiridora do mistério de ter sido precisamente ela a escolhida para ser a receptora e transmissora desta providencial comunicação.

«Ah! porque terá sido a mim que Deus concedeu esta luz? Porque terá mostrado a uma criança tão pequena uma coisa que a teria feito morrer de dor, se a tivesse compreendido, porquê?... É um dos mistérios que com certeza havemos de compreender no Céu e que fará a nossa eterna admiração!...» ⁷².

⁶⁶ «Felizmente que todos os dias voltava ao lar paterno, então expandia-se-me o coração... Tinha realmente necessidade destas alegrias de família, sem elas, a vida no colégio ter-lhe-ia sido excessivamente difícil» (Ms A, 22v^o-23r^o).

⁶⁷ Ms A, 22r^o.

⁶⁸ «Aos 10 anos antes da nossa grande prova já Deus no-la mostrava» (Ms A, 21r^o).

⁶⁹ Ms A, 19v^o.

⁷⁰ «Muitíssimas vezes procurei levantar o véu que me escondia a sua significação...» (Ms A, 20v^o).

⁷¹ «Era realmente o *Papá* que eu tinha visto» (Ms A, 20v^o).

⁷² Ms A, 21r^o.

Não estava também em idade para compreender a perda da sua segunda mãe — «perdi a minha Paulina!!!» — , que lhe foi dolorosa prova, que lhe despedaçou o coração, como se uma espada, certamente a da Palavra de Deus, lhe arrebatasse a sua querida mamã ⁷³. Ela tinha apenas 9 anos quando tal aconteceu. Porém, a mesma força que as separou, essa mesma, sem dúvida, as há-de unir, por vontade d'Aquele que não separa senão para unir ⁷⁴.

Aos 10 anos, idade em que «o coração se deixa facilmente deslumbrar», fez «a primeira entrada no mundo», entenda-se a sociedade de Alençon. Deus, porém, conta ela, «concedeu-me a graça de não conhecer o mundo», melhor dito, de conhecer o bastante da sua vaidade para reconhecer que «o *único bem* é amar a Deus com todo o coração e ser cá na terra *pobre* em espírito» ⁷⁵. Esta revelação da ambiguidade do mundo, feita antes da primeira *visita*, ajudou-a a escolher mais livremente o caminho da vida religiosa. Durante 2 meses e 9 dias, preparou-se, com 2.773 actos de amor, para a primeira comunhão, que lhe deixou «inefáveis recordações» na alma.

«Ah! como foi doce o primeiro beijo de Jesus à minha alma!... Foi um beijo de *amor*, *sentia-me amada*, e dizia igualmente: «Eu vos amo, dou-me a vós para sempre». Não houve pedidos, nem lutas, nem sacrifícios; desde há muito, Jesus e a pobre Terezinha se tinham *olhado* e se tinham compreendido... Nesse dia já não era um *olhar*, mas uma *fusão*; já não eram *dois*, Teresa desaparecera como a gota de água que se perde no seio do oceano. Só ficava Jesus, Ele era o mestre, o Rei...» ⁷⁶.

Aqui, está já condensada toda a sua teologia eucarística, expressão do realismo da Encarnação, em que a comunhão de amor com Deus se estende na comunhão dos santos do céu e da

⁷³ Esta segunda ruptura afectiva fê-la sofrer tanto que «não tardou em adoecer» durante mês e meio, até que foi curada pela graça misteriosa da Virgem Maria (Ms A, 27v^o-30v^o).

⁷⁴ Ms A, 26r^o.

⁷⁵ Ms A, 32v^o.

⁷⁶ Ms A, 35r^o. Teresa vai exprimir o amor de Jesus principalmente na simbólica nupcial-esposal: «noiva» de Jesus na primeira comunhão (P 18, 10), e «esposa» pela profissão religiosa (Ct 122).

terra⁷⁷. A segunda visita de Jesus à sua alma, deixou-lhe doce recordação da sua inefável doçura sempre desejada⁷⁸. Logo no dia seguinte, começou a sentir pelo sofrimento um verdadeiro amor e a sentir o desejo de não amar senão a Deus. Entretanto, preparou-se, com todo o cuidado, para receber a visita do E. Santo, no sacramento do Amor, que lhe deu força para sofrer a purificação do seu sensível coração incompreendido pelas suas amigas.

«O meu amor não era compreendido, bem o senti e não *mendiguei* a afeição que me era recusada, mas Deus deu-me um coração tão fiel que quando amou verdadeiramente, ama para sempre, por isso continuei a orar pela minha companheira e ainda hoje a amo...»⁷⁹.

Permanece agradecida a Jesus, o Fogo Divino que «queima sem consumir», por a ter feito encontrar amarguras nas amizades da terra⁸⁰, incompatíveis com a de Deus⁸¹, o «bom médico» que lhe perdoou antecipadamente, preservando-a de cair ou de tropeçar nalguma pedra.

«Não tenho mérito nenhum em me não ter entregado ao amor das criaturas, pois dele não fui preservada senão por grande misericórdia de Deus... Este filho sou eu, objecto do *amor previdente* dum *Pai*... Quer que eu o *ame*, porque me *perdoou* não muito, mas *tudo*. Não esperou que o *amasse muito* como Santa Madalena, mas quis que EU SOUBESSE quanto me tinha amado com amor de inefável providência, para que agora o ame até

⁷⁷ «Ao receber a visita de Jesus, recebia também a da minha querida Mãe... unia-me com ela (Paulina) que irrevogavelmente se entregava Àquele que tão amorosamente se entregava a mim» (Ms A, 35v^o). «Quanto mais avanço, meu Paizinho querido, mais te amo; não sei como isto se faz, mas é a verdade; pergunto-me o que isto será no fim da minha vida» (Ct 58).

⁷⁸ «A seguir a esta comunhão o meu desejo de receber N.Sr. tornou-se cada vez mais intenso» (Ms A, 36r^o). «Vive do amor, pelo amor e para o amor. Vive de um amor que não é o seu, mas o de Deus nela: aquele amor que contém a fé e a esperança (1 Co 13, 7), que é o E. Santo derramado no seu coração (Rm 5, 5), que é participação na própria vida divina (Jo 3, 36) em sua própria vida» (H. U. von Balthasar, *o. c.*, p. 69).

⁷⁹ Ms A, 38r^o.

⁸⁰ «Se o meu coração não tivesse sido *elevado para Deus desde o seu despertar*, se o mundo me tivesse sorrido desde a entrada na vida, que teria sido de mim?... Com que reconhecimento proclamo as misericórdias do Senhor!» (Ms A, 40r^o).

⁸¹ «Como pode um coração entregue ao afecto das criaturas unir-se intimamente a Deus?... Penso que não é possível» (Ms A, 38r^o). Contudo, uma vez procurou atrair o afecto de sua tia (Ms A, 42r^o).

à *loucura!*... Ouvi dizer que nunca se encontrou uma alma pura que amasse mais do que uma alma arrependida, ah!, quanto gostaria de fazer mentir tal palavra!...»⁸².

Embora carente da amizade de uma amiga da terra, não lhe faltava a de uma amiga do céu⁸³, nem muito menos a do Amigo.

«Não tinha, como as outras antigas alunas, uma *mestra amiga* com quem pudesse ir passar várias horas... Ninguém me prestava atenção, por isso subia à tribuna da capela e ali ficava diante do Santíssimo Sacramento até à hora em que o Papá me vinha buscar, tal era a minha única consolação, pois não era Jesus o meu único amigo?... Não sabia falar senão a ele, as conversas com as criaturas, mesmo as conversas piedosas, fatigavam-me a alma... Sentia que valia mais falar a Deus do que falar de Deus...»⁸⁴.

Não lhe faltaram os amigos do céu, quando afectada pela «terrível doença dos escrúpulos, durante ano e meio, veio a libertar-se com a ajuda dos seus irmãozinhos do céu: «compreendi que se era amada na terra, o era também no céu». Mais difícil se lhe tornou, pelos 13 anos, corrigir-se da sua «grande sensibilidade», e suas lágrimas tornavam-na insuportável. Como ela diz, necessitava de «um pequeno milagre» para poder sair do seu «círculo estreito». Tal aconteceu a 25 de Dezembro de 1886, quando recebeu a graça de sair da infância — «a graça da minha conversão completa» — e voltou a encontrar a força de alma que tinha perdido. Assim começava o terceiro período da sua vida, o mais cheio de graças do céu, todo ele obra de Jesus.

«Sentí a *caridade* entrar em meu coração, a necessidade de me esquecer para contentar os outros e desde então fui feliz»⁸⁵.

Já entrada na juventude dos seus 14 anos, a primavera da vida, estava madura para ser amada por Aquele a quem amava.

«Encontro-me na idade mais perigosa para as jovens, mas Deus

⁸² Ms A, 38vº.

⁸³ «Em memória do *canto virginal* que fez ouvir a seu Esposo celeste escondido no íntimo do seu coração, senti por ela mais do que devoção: verdadeira *ternura de amiga*» (Ms A, 61vº).

⁸⁴ Ms A, 40vº-41rº. «Ó Jesus, meu *primeiro*, meu *único* Amigo, tu que amo unicamente» (Ms B, 4vº). «Jesus é o *único* amigo das nossas almas» (Ct 144).

⁸⁵ Ms A, 45vº. Com esta graça Teresa cresceu no amor ao próximo e aceitou a missão que o Senhor lhe confiou.

fez por mim o que refere Ezequiel em suas profecias: «Passando a meu lado, Jesus viu que tinha chegado para mim o tempo de ser *amada*, fez aliança comigo e tornei-me *sua*... Estendeu sobre mim o seu manto, lavou-me com perfumes preciosos, revestiu-me com túnicas bordadas, dando-me colares e adornos inestimáveis. Alimentou-me com a mais pura farinha, com mel e azeite em *abundância*... assim fiquei bela a seus olhos e Ele fez de mim uma rainha poderosa!...»⁸⁶.

Com umas palavras apenas, depois de citar longamente, comenta: «Sim Jesus fez tudo isto por mim». «Ele fez dela uma rainha poderosa!». Ele fê-la capaz de amar, deu-lhe o primeiro filho⁸⁷, queria dar-lhe as almas⁸⁸.

«O grito de Jesus na Cruz ecoava continuamente no meu coração: «Tenho sede!». Estas palavras ateavam em mim um ardor desconhecido e muito vivo... Queria dar de beber ao meu Bem-Amado e sentia-me também devorada pela *sede* de *almas*... Não eram ainda as almas dos sacerdotes que me atraíam, mas as dos *grandes pecadores*, *ardia* no desejo de as arrancar às chamas eternas...»⁸⁹.

Na idade de estudar, que coincidia com o tempo de amar, o seu desejo demasiado vivo de saber, foi alimentado «em abundância» por um livro de glória que, contendo os mistérios da vida futura, a fez pressentir o que Deus reserva aos que o amam.

«Vendo que as recompensas eternas não têm proporção nenhuma com os ligeiros sacrifícios da vida, queria *amar*, *amar* Jesus com *paixão*, dar-lhe mil sinais de amor enquanto ainda o podia... Copiei várias passagens sobre o perfeito amor e sobre a recepção que Deus há-de fazer aos seus eleitos no momento

⁸⁶ Ms A, 47r^o. Teresa «cristianiza o texto de Ezequiel, pondo-o em boca de Jesus» (R. Llamas, *Santa Teresita y su experiencia de la Palabra de Dios*, em *Rev. de Espiritualidad* 55 (1996) p. 292).

⁸⁷ «Queria dar-lhes a beber este *sangue imaculado*... e os lábios do «meu primeiro filho» foram-se colar às chagas sacrossantas!!!» (Ms A, 46v^o).

⁸⁸ «Ah! a seguir a esta graça única, o meu desejo de salvar almas cresceu cada vez mais...» (Ms A, 46v^o).

⁸⁹ Ms A, 45v^o. «Ao «resolver manter-se em espírito ao pé da Cruz», Teresa é já uma daquelas santas mulheres do Evangelho que, no seguimento de Maria junto à Cruz de seu Filho (Jo 19, 25), participam misteriosamente da sua maternidade. Esta graça inicial é o começo de sua maternidade espiritual na Igreja» (F. M. Léthel, *a. c.*, p. 114).

em que *Ele mesmo* se tornar a sua grande e eterna recompensa, repetia sem cessar as palavras de amor que me tinham incendiado o coração...»⁹⁰.

Ao auto-aplicar a si e à sua irmã de alma (Celina) o texto de CB 25, 2, comprova a graça da «ciência mística» do seguimento de Jesus, isto é, «as centelhas de amor que Jesus semeava às mãos cheias nas suas almas, que faziam sair de seus lábios aspirações de amor»⁹¹. Na verdade, «o amor, confia ela, fazia-nos encontrar na terra Aquele que procurávamos». Com certeza, atraída pelo amor de Jesus, que quer encontrar o Céu da nossa alma, deu-se a receber fielmente a graça do seu amor — «dava-se a Si mesmo na S.^{da} Comunhão» — comungando 4 vezes por semana. Era assim que, recebendo graça, «crescia em graça». Jesus era o seu único guia, o esposo que revelava à esposa os segredos do seu amor.

«Ele que exclamava nos dias da sua vida mortal em transportes de alegria: «Pai, dou-vos graças por terdes escondido estas coisas aos sábios e prudentes e por as terdes revelado aos mais pequeninos», queria fazer brilhar em mim a sua misericórdia; porque era pequena e frágil abaixava-se até mim, instruía-me em segredo sobre as *coisas* do seu *amor*. Ah! se os sábios que passaram a vida no estudo tivessem vindo interrogar-me, sem dúvida teriam ficado admirados ao ver uma criança de catorze anos compreender os segredos da perfeição, segredos que toda a sua ciência lhes não pode descobrir, pois para os possuir é necessário ser pobre de espírito!...»⁹².

O Carmelo era o lugar onde o impaciente Jesus esperava pacientemente por Teresa: «o apelo Divino era tão insistente que embora me fosse preciso *atravessar* as *chamas*, tê-lo-ia feito para ser fiel a Jesus». Assim o recomendava a *Imitação*: «é preciso amar Jesus sobre todas as coisas». O chamamento de Jesus, como é obvio, está na origem da decisão da sua vocação carmelitana. Ela tinha verdadeira vocação para o Carmelo. Aos 15 anos, com o coração cheio de amor, estava resolvida a «atingir os seus fins». Certamente,

⁹⁰ Ms A, 47vº. «É a primeira experiência forte de Deus-Amor, na sua juventude, que gera em si a paixão de amar Jesus» (R. Llamas, *a. c.*, p. 291).

⁹¹ «Longe de nos separarem as grades do Carmelo uniam mais fortemente as nossas almas, tínhamos os mesmos pensamentos, os mesmos desejos, o *mesmo* amor a Jesus e às almas» (Ms A, 73vº).

⁹² Ms A, 49rº.

porque «nunca o Amor encontra impossibilidades, pois tudo julga possível e permitido»⁹³. Entretanto, a rotina da vida exterior escondia a novidade da sua vida interior.

«Crescia no amor de Deus, sentia no meu coração ímpetos até então desconhecidos, tinha por vezes verdadeiros transportes de amor. Uma noite não sabendo como dizer a Jesus que o amava e quanto desejava que fosse amado e glorificado em toda a parte, pensava com dor que ele nunca poderia receber do inferno um só acto de amor; então disse a Nosso Senhor que para lhe agradar consentiria alegremente ver-me ali mergulhada, a fim de que ele fosse amado eternamente neste lugar de blasfémia... Sabia que isso não o podia glorificar, pois não deseja senão a nossa felicidade, mas quando se ama, sente-se a necessidade de dizer mil loucuras; se assim falava, não era porque o Céu não excitasse o meu desejo, mas então o meu Céu não era outro senão o Amor e sentia como S. Paulo que nada me poderia separar do objecto divino que me seduzira!...»⁹⁴.

Na sua luta vocacional, a vontade Divina iria sobrepor-se à humana das criaturas e Teresa teve que abandonar-se à ilógica da providência, figurada nos caprichos infantis do M. Jesus, que no avanço e recuo dos acontecimentos, a fazia esperar contra toda a esperança, isto é, somente em Deus, sem, no entanto, se deixar de preparar, pela prática dos seus *nadas*, para ser a noiva de Jesus.

Depois de ter lançado um último olhar aos Buissonnets, sob o amoroso olhar fixo de seu Pai, entrou, por fim, no Carmelo, a 9 de Abril de 1888, na esperança de aí viver, para sempre, a espiritualidade do deserto carmelitano, realização do seu ideal contemplativo apostólico e recompensa plena de todas as suas provações⁹⁵.

«Tudo me parecia admirável, julgava-me transportada ao deserto, encantava-me sobretudo a pequenina cela, mas a alegria que sentia era *calma*...»⁹⁶.

⁹³ Teresa confirma que «o amor pode tudo» (1 Co 13, 7): «realmente só o amor de Jesus é que me podia levar a vencer estas dificuldades e as que se seguiram» (Ms A, 53v^o; 75v^o).

⁹⁴ Teresa crescia no amor a Jesus (Ms A, 52r^o-52v^o).

⁹⁵ «O Carmelo era o deserto onde Deus queria que me fosse esconder» (Ms 26r^o). «Nesta Ordem todas as aspirações da minha alma ficariam satisfeitas» (Ms A, 54v^o). Teresa estava no «seu centro» (Ct 58), sentia-se «muito feliz» (Ct 69).

⁹⁶ Ms A, 69r^o.

Este «pequeno grão de areia do deserto», ao esconder-se por amor, sabia bem o que a esperava, não a «facilidade», mas a «dificuldade».

«Deus concedeu-me a graça de *não ter nenhuma* ilusão ao entrar no Carmelo; encontrei a vida religiosa *tal* como a tinha imaginado... Os primeiros passos encontraram mais espinhos quer rosas... Sim, o sofrimento abriu-me os braços e lancei-me neles com amor... Durante 5 anos foi este o meu caminho; no exterior, porém, nada traduzia o meu sofrimento tanto mais doloroso quanto era só eu a conhecê-lo. Ah! que surpresas não teremos no fim do mundo ao lermos a história das almas!... Quantas pessoas não ficarão admiradas ao ver o caminho pelo qual a minha foi conduzida!...» ⁹⁷.

«O seu cálice amargo pareceu-lhe delicioso», porque sabia que «o amor tudo faz de um sabor» ⁹⁸. Daí que, a sua vida carmelitana se converte num abraço do Crucificado, numa configuração com o Rosto misericordioso do Esposo ⁹⁹ que, na sua delicadeza, presenteou a sua amada com neve, no dia da sua tomada de hábito ¹⁰⁰.

«A pequena flor transplantada para a montanha do Carmelo havia de desenvolver-se à sombra da Cruz; as lágrimas, o sangue de Jesus tornaram-se o seu orvalho e o seu Sol foi a sua Face Adorável coberta de prantos... Tínheis compreendido primeiro os mistérios de amor escondidos no Rosto do nosso Esposo... Ah! como o de Jesus, queria que: «O meu rosto estivesse verdadeiramente oculto, que sobre a terra ninguém me reconhecesse». Tinha sede de sofrer e de ser esquecida...» ¹⁰¹.

⁹⁷ Ms A, 69^o-70^o. «Pedi que a sua filhinha permaneça sempre um pequeno grão de areia muito obscuro, muito escondido a todos os olhares, que Jesus só o possa ver; que se devesse mais e mais pequeno, que seja reduzido a nada» (Ct 49).

⁹⁸ «Faz tal obra o amor / que tudo faz de um sabor» (S. João da Cruz, P XI, 3). «As pessoas do mundo julgavam que era a «menina bonita» da comunidade» (Ms A, 70^v). «Deus permitia que sem cair na conta fosse muito severa» (Ms A, 70^v).

⁹⁹ «Quanto é misericordioso o caminho pelo qual me conduziu sempre Deus» (Ms A, 71^o). Com Teresa, importa realçar «o privilégio da feminidade»: «as mulheres amam a Deus em muito maior número que os homens...» (Ms A, 66^v).

¹⁰⁰ «Vindo ao encontro dos desejos da sua pequena noiva, apresenta-lhe neve» (Ms A, 72^v).

¹⁰¹ Ms A, 71^o. No dia da sua profissão rezava: «Jesus, sê *tudo!*... Faz que eu nunca seja um peso para a comunidade mas que ninguém se ocupe de mim, que eu seja olhada, pisada aos pés, esquecida como um pequeno grão de areia só para ti...» (Or 2). Esta mesma espiritualidade da «pequenez» que «engrandece» é profundamente cristológica: «Reze para que o grão de areia esteja sempre no seu lugar, isto

Apesar de «a aridez ser o seu pão quotidiano», «era a mais feliz das criaturas», pois, «todos os seus desejos estavam satisfeitos». Mesmo no retiro da sua profissão, feito na «aridez mais completa», Jesus, «escondido no fundo do seu coração», alimentava-a a cada instante com um alimento sempre novo ¹⁰² e, no dia 8 de Setembro, pronunciou os seus votos, tornou-se esposa de Jesus, instruída sobre as delicadezas que uma esposa deve dispensar ao Esposo ¹⁰³.

No retiro de 1891, o P. Prou, «lançou-a a toda a vela nas vagas das confiança e do *amor*... com o *amor* não avanço, mas *voou*». Além disso, compreendeu que «sem o *amor* todas as obras se reduzem a nada». Com o seu Pai no Céu, Celina no Carmelo, e um irmão missionário, tem razões de sobra para agradecer a Jesus, que satisfaz todos os desejos do seu coração.

«Agora, já não tenho nenhum desejo, a não ser o de *amar* Jesus até à loucura... já não desejo o sofrimento, nem a morte, e apesar de tudo amo-os a ambos, mas é só o *amor* que me atrai... agora é só o abandono que me guia... *agora todo o meu exercício é amar*... e o Amor, poderoso em obras, sabe *tirar proveito de tudo* e transforma a minha alma em Si... Como é doce o caminho do *amor*» ¹⁰⁴.

Colmada de graças, canta como é eterna a misericórdia do Senhor e, inspirada a cada instante no que deve dizer, opina que

é, sob os pés de todos; que ninguém pense nele, que a sua existência seja, por assim dizer, *ignorada*. O grão de areia não deseja ser *humilhado*, é ainda muito glorioso, pois que ser-se-ia obrigado a ocupar-se dele; só deseja uma coisa, ser *esquecido*, contado por nada! Mas deseja ser *visto* de *Jesus*» (Ct 95).

¹⁰² «Concede-me a graça de agir em mim e me faz pensar tudo o que quer que eu faça no momento presente» (Ms A, 76r^o). Contudo, é «amor seco»: «Ah, não tema dizer-lhe que *o ama, mesmo sem o sentir*, é o meio de *forçar* Jesus a socorrê-la, a levá-la como uma criancinha muito frágil para caminhar» (Ct 241).

¹⁰³ «Compôs uma carta de convite para as suas núpcias» (Ms A, 77v^o). Recordar-se bem quando começou esta aceleração do amor: «Foi sobretudo desde o dia abençoado da vossa eleição (20 de Fevereiro de 1893) que vooi pelos caminhos do amor» (Ms A, 80 v^o). Teresa descobriu a Misericórdia de Deus como misericórdia, isto é, um amor que desce, busca o pequeno, «faz tudo» (Ct 142). Por isso, basta «abandonar-se nos braços de Jesus» (Ct 143).

¹⁰⁴ Ms A, 82v^o-83r^o. É o seu encontro com S. João da Cruz, o «Santo do amor» por excelência, do «exercício de amar» (P XI, 3): «Ah! quantas luzes não adquiri com as obras da N. P. S. J. da Cruz... Na idade dos 17 e 18 anos não tinha outro alimento espiritual» (Ms A, 83r^o). «O amor vos dará asas / E podereis voar bem alto» (RP 5,4r^o).

«se todas as criaturas tivessem as mesmas graças que ela, Deus não seria temido por ninguém, mas amado até à loucura, e que, pelo amor, e não a tremer, nunca nenhuma alma consentiria em causar-lhe pena. No meio das ocupações do dia, descobre luzes sobre a perfeição de Deus, contidas no Evangelho, mas por ela nunca antes vistas.

«A mim deu-me a sua *Misericórdia infinita* e é através dela que contemplo e adoro as outras perfeições Divinas!... Assim todas me aparecem envolvidas em *amor*, mesmo a Justiça (e talvez ainda mais do que qualquer outra) me parece revestida de *amor*... Ah! Deus infinitamente justo... não há-de ser igualmente Justo para comigo que «estou sempre com Ele?»¹⁰⁵.

Entre o que Jesus lhe inspira que deve fazer, realça esta graça de todo singular: «Este ano, a 9 de Junho, festa da Santíssima Trindade, recebi a graça de compreender mais do que nunca quanto Jesus deseja ser amado»¹⁰⁶. Tendo diante dos olhos as almas que

¹⁰⁵ Ms A, 83v^o. «Para Teresa, é o *Deus Amor* que se impõe, mas sob a perspectiva do *Deus Misericórdia*» (F. Girard, *Les profondeurs de Dieu: L'Amour qui veut se donner*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, p. 168). Teresa fica fascinada sobretudo pela gratuidade total do *Amor* que faz *Justiça* de modo tão *Misericordioso*: «Teresa refere que possui um conhecimento *místico* da *Divindade* sob a luz da sua «*Misericórdia infinita*», através da qual *contempla* e adora as outras perfeições Divinas... A «*lâmpada de fogo*» da *Misericórdia* (S. João da Cruz, *Ch 3, 3*), caracteriza a luz da *Divindade* tal como brilha na teologia de Teresa, mas sob o clima e a cor da *confiança*» (F. M. Léthel, *a. c.*, p. 142). «Teresa vê a sua missão teológica particular em contemplar todos os atributos de Deus do ponto de vista do seu amor misericordioso, até ao extremo de que aparecem incluídos, sem reserva e não só em parte, neste mesmo amor: A justiça torna-se, então, claramente numa forma do amor» (H. U. von Balthasar, *o. c.*, p. 269). «A maior graça da sua vida é o conhecimento que teve da misericórdia... a grandeza de Teresa deriva do descobrimento da *Misericórdia*» (P. M. Eugène de l'Enfant-Jésus, *Ton amour a grandi avec moi. Un Génie Spirituelle Thérèse de Liseux*, Éd. du Carmel, Venasque, 1987, pp. 53-54).

¹⁰⁶ O oferecimento ao Amor Misericordioso é oferecimento a *toda* a Trindade, embora o *centro* do oferecimento é sempre Jesus: «O acto de oferecimento ao Amor Misericordioso (Or 6) contém o ensinamento mais profundo de Teresa sobre a divinização: ela, ao desposar a grandeza infinita do amor de Jesus, vive a experiência mística de Deus Trindade de maneira cristocêntrica no amor de Jesus (P 17, 2). A maior cristologia da Igreja é aqui resumida: Jesus é o *Filho* único do Pai, o *Salvador* de todos os homens e o *Esposo* da Igreja: «vosso Filho único para ser meu Salvador e meu Esposo» (F.M. Léthel, *a. c.*, pp.137-139). «Teresa desocupa-se de toda a perfeição própria a fim de dar lugar em si ao amor de Deus... Não lhe importa o amor, nem sequer o seu amor a Deus, mas unicamente a necessidade de que Deus há-de ser amado e quer ser amado. Só nos últimos anos se lhe descobre o

se ofereciam como vítimas à Justiça de Deus, com certo sabor a jansenismo, entendida aquela como castigo dos culpados, segundo o *Tesouro do Carmelo*¹⁰⁷, estava longe de se sentir a fazê-lo¹⁰⁸. Daí, a sua oração ardente, o seu gritante testemunho de fé no Amor Misericordioso de Jesus, a quem ela totalmente se oferece.

«Ó meu Deus! gritei eu do fundo do meu coração, não haverá senão a vossa Justiça para receber as almas que se imolem como vítimas?... O vosso Amor Misericordioso não terá também necessidade delas?... Por toda a parte é mal conhecido, rejeitado; os corações a quem desejais prodigá-lo voltam-se para as criaturas pedindo-lhes a felicidade com a sua miserável afeição, em lugar de se lançarem nos vossos braços e aceitar o vosso *Amor* infinito... Ó meu Deus, o vosso Amor desprezado vai ficar em vosso Coração? Parece-me que se encontrásseis almas que se oferecessem como Vítimas de holocausto ao vosso Amor, rapidamente as consumiríeis, parece-me que ficaríeis feliz por não comprimir as ondas de infinitas ternuras que estão em vós... Se a vossa Justiça gosta de se descarregar, ela que não se estende senão sobre a terra, quanto mais não desejará o vosso Amor Misericordioso *abrasar* as almas, pois a vossa Misericórdia se eleva até aos Céus... Ó meu Jesus, que seja *eu* esta vítima feliz, consumi o vosso holocausto pelo fogo do vosso Divino amor!...»¹⁰⁹.

inteiro horizonte deste mistério» (H. U. von Balthasar, *o. c.*, p.277). Contudo, já antes comungava desta «necessidade de amor» (Ct 107), sabendo-se «o oceano de Jesus» (Ct 142). Agora descobre o novo: Deus quer ser amado. Deus necessita imperiosamente a criatura para lhe mostrar o seu amor, para poder dar livre curso às correntes de amor encerradas em seu coração. Deus quer redimir, quer compadecer-se e só o pode fazer quando pode derramar o seu amor no mundo, nos corações dos homens, que, por desconhecimento e recusa, o impedem, e se voltam para as criaturas (Ms A, 84r^o). «*Ser amado* significa para Jesus que lhe permitimos amar-nos activamente. E, para nós, *amar* significa que aceitamos deixar-nos amar por Ele. Jesus é amado, quando nos pode amar totalmente. Amamos a Jesus, quando nos deixamos totalmente amar por Ele» (C. Meester, *Les mains vides. Le message de Thérèse de Lisieux*, Cerf, Paris, 1994, p. 121). Porém, além desta conotação activa de «o Jesus da pobre Teresa», como «o Jesus amante», não devemos esquecer a outra conotação passiva do «Jesus amado», isto é, que quer e mendiga a miséria e pobreza do nosso amor (Ct 109). Desde este dia do oferecimento, Teresa aceitou definitivamente viver em comunhão de amor com Jesus, dando-lhe o seu coração para sempre (P 36, 5).

¹⁰⁷ «Como é bom ser religiosa para orar e apaziguar a justiça do bom Deus» (Ct 121). Ao P. Roulland expõe o seu pensamento sobre a Justiça de Deus (Ct 226).

¹⁰⁸ «Quanto estou longe de ser conduzida pelo caminho do temor» (Ms A, 79v^o).

¹⁰⁹ Ms A, 84r^o. Daí, poder ser apresentada como «o modelo mais puro do amor oblativo» (S. Rousset, *Reflexiones de una psiquiatra*, Herder, Barcelona, 1970, p. 24).

Daí, conseqüentemente, «os oceanos de graça que lhe inundaram a alma», como ela o refere, confidencialmente, como experiência abrangedora de todo o seu ser.

«Ah! depois deste dia feliz, parece-me que o *Amor* me penetra, e me envolve: parece-me que, a cada instante, este *Amor Misericordioso* me renova, me purifica a alma... O Fogo do Amor é mais santificante que o do purgatório...» ¹¹⁰.

Ante tal experiência colmante do Amor Misericordioso de Deus, e certa de que a Misericórdia do Bom Deus a acompanhará sempre, encarece «o caminho do amor aberto por Jesus a todos os homens» ¹¹¹ — «oh! como é doce o caminho do Amor!» —, quer vivê-lo desmedidamente — «quanto quero aplicar-me a fazer sempre com o maior abandono a vontade de Deus!» — e cantar eternamente o cântico sempre novo do Amor». Ao findar o *Ms A*, desenha e explica as «Armas de Jesus e Teresa». Reconhece que «o Amor só se paga com Amor». Por isso, «para corresponder a todo o amor de Jesus (pela sua pobre pequena esposa) quer fazer por Ele o que Ele fez por ela». Figura este seu desejo na harpa, que «representa Teresa que quer cantar a Jesus melodias de amor: «Cantarei eternamente as Misericórdias do Senhor» ¹¹².

¹¹⁰ *Ms A*, 84vº. O *Ms B*, um canto maravilhoso ao amor divino, brota de um coração que está a viver a «inflamação de amor» própria da «noite do espírito» (Gregorio de Jesus Crucificado, *Las noches sanjuanistas vividas por Santa Teresa del Niño Jesús*, em *Ephem. Carm.*, 11 (1960), p. 379). Desta «ferida de amor» (CA 7.7.2), desta alta experiência do Amor transformante e doloroso, é que procedem tanto a loucura dos desejos de apostolado (*Ms B*, 3rº), como as suas luzes sobre o amor que engloba todas as vocações (*Ms B*, 3vº). «Ela será o Amor; ela é já um braseiro de amor, está no seu centro, identificada-transformada no Amor, fonte de todo o bem, alegria suprema, sofrimento inenarrável, fecundidade universal e estabilidade numa paz de eternidade» (P. M. Eugène de l'Enfant-Jésus, *Docteur de la vie mystique*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, p. 341). «É o poder transformador do Amor de Jesus na sua alma» (F. Girard, *a. c.*, p. 213). Teresa «está em cada momento exposta à plena energia amorosa de Deus» (H. U. von Balthasar, *o. c.*, p. 290). «Os diques romperam-se e as ondas do amor divino inundaram a terra da sua alma, que fica submersa pelos «rios de água viva» (Jo 7, 38-39), o novo dilúvio da presença tangível de Deus» (C. Meester, *Les mains*, pp. 127-128).

¹¹¹ GS n. 38.

¹¹² *Ms A*, 85vº. Repare o leitor que, desde 2rº a 85vº, a vida de Teresa é toda ela «um cântico de amor», primeiro título que a M. Inês deu à *História de uma Alma*. Eis a voz do seu aviso: «É de vosso coração / que Jesus quer a melodia» (RP 5, 1vº).

«Agora é um abismo, cuja profundidade não consigo sondar»

Numa carta, datada a 8 de Setembro de 1896, dirige-se à sua querida Irmã Maria do Sagrado Coração. Dialoga, porém, directamente com Jesus ¹¹³, consciente da impossibilidade de um discurso capaz de traduzir a luminosa e abundante experiência amorosa que ela, desde «a radiosa festa da Páscoa», está a viver, ainda que em profunda noite escura.

«Ó Jesus, meu Bem-Amado, quem poderá dizer com que ternura, com que suavidade, conduzis a minha *pequena alma*? Como vos agrada fazer brilhar o raio da vossa graça mesmo no meio da mais sombria tempestade?...» ¹¹⁴.

Foi neste clima de «sol e sombra» que, durante a noite de 9 para 10 de Maio de 1896, com desejo implícito ¹¹⁵, ou apenas pura graça e concessão de Jesus, teve um sonho, no qual lhe foi dado ver, a seu pedido, «o esplendor do Carmelo», o belo rosto da «venerável Madre Ana de Jesus, fundadora do Carmelo em França, com seu olhar e sorriso *cheios* de amor, com seus carinhos. Ao «ver-se tão ternamente amada», grita as perguntas, que lhe trespassam o coração, a da duração da sua vida e a do contentamento de Deus ¹¹⁶, e recebe da Madre as respostas que mais alegrem o seu coração de filha, já familiarizada com os seus irmãos do Céu ¹¹⁷.

«Quando compreendi até que ponto *ela me amava*, quanto lhe era pouco *indiferente*, o meu coração fundiu-se de amor e de

¹¹³ «Ao escrever, é a Jesus que falo, assim é-me mais fácil exprimir os meus pensamentos» (Ms B, 1v^o).

¹¹⁴ Ms B, 2r^o. «Sem luz e nas trevas / Vou-me consumindo de Amor» (P 30). No meio da noite, busca o Amado: «Jesus, minha alegria é amar-te» (P 45, 7). «Quando um *profundo silêncio* envolvia todas as coisas e a *noite* estava no meio do seu curso...» (Sl 18, 14), Teresa deixou-nos uma mensagem de perene actualidade: «Sim, *sofrer amando, é a mais pura felicidade*» (P 54, 16).

¹¹⁵ O sonho, na linha freudiana, como realização de um poderoso desejo?

¹¹⁶ A mensagem do sonho contém a promessa de uma morte próxima, o encorajamento na noite da fé, a certeza do amor dos Bem-Aventurados e, indirectamente, do Amor Misericordioso de Deus, e a segurança do caminho que ela segue. «Duas palavras enchem Teresa de alegria: «bientot» (em breve) e «très content» (muito contente)» (G. Gaucher, *Histoire d'une Vie. Thérèse Martin*, Cerf, Paris, 1993, p. 173).

¹¹⁷ «Todos são meus pequenos familiares lá em cima» (CA 13.7.10). «No Céu ainda se sabe amar» (Ms A, 44r^o).

reconhecimento, não só pela Santa que me tinha visitado, mas ainda por todos os Bem-Aventurados habitantes do Céu...»¹¹⁸.

«Esta graça», «prelúdio de graças maiores», recorda-as ela a Jesus, o seu único Amor¹¹⁹, no sexto aniversário da (sua) *união*. Ele, por causa da fraqueza dela, teve por bem colmar os seus *pequenos desejos infantis* e, quer hoje, colmar outros desejos maiores que o universo. Fá-lo, porém, numa outra lógica, na do amor, e não na da razão.

«Ah! perdoa-me Jesus se não sou razoável ao querer exprimir os meus desejos, as minhas esperanças que tocam o infinito, perdoa-me e cura-me a alma dando-lhe o que ela espera!!!... Como aliar estes contrastes? Como realizar os desejos da minha *pequena alma*?... Que respondereis a todas as minhas loucuras?... Mas o *puro amor* existe realmente no meu coração? Não são os meus desejos um sonho, uma loucura?... Ah!, se é assim, Jesus, esclarece-me, pois sabes, que procuro a verdade... se os meus desejos são temerários, fá-los desaparecer porque estes desejos são para mim o maior dos martírios... Se é tão delicioso o *desejo* de te *Amar*, que será o possuir, o gozar o Amor?... Como pode uma alma tão imperfeita como a minha aspirar a possuir a plenitude do Amor?... Ó Jesus, meu *primeiro, meu único Amigo*, tu que eu *amo UNICAMENTE*, diz-me que mistério é este?... Porque não reservas estas imensas aspirações às grandes almas, às Águias que pairam nas alturas?...»¹²⁰.

¹¹⁸ Ms B, 2vº.

¹¹⁹ A boca fala da abundância do coração: Jesus (6v.); Ó Jesus (13v.); Jesus, Jesus (2v.); ó meu Jesus (2v.); ó Jesus, meu Amor (1v.); meu único amor (1v.); ó Jesus, meu Bem-Amado (1v.); ó Jesus, meu Amor (1v.); ó Jesus, meu amor, minha vida (1v.); ó Jesus, meu primeiro, meu único Amigo (1v.); ó meu Bem-Amado 84v.); ó meu Bem-Amado Salvador (1v.); meu Esposo Adorado (1v.); o Amor (3v.); Senhor (1v.); ó Farol luminoso do amor (1v.); o meu Bem-Amado Sol (1v.); o Sol Divino (1v.); o Sol Divino, o Sol do Amor (3v.); o Divino Sol, o Astro do Amor (1v.); o Astro Adorado (1v.); o Astro Querido (1v.); a Águia Adorada 81v.); Águia Eterna (1v.).

¹²⁰ Ms B, 4vº. Estes «desejos infinitos» de Teresa (Or 6), expressão censurada por um «teólogo» como «teologicamente inexacta» (M. Inês, PO, p.158), o que não é verdade, segundo S. Tomás (S. Th., IIª IIª, q. 24, a. 7), correspondem ao desejo infinito de Jesus de ser amado (Ms A, 84rº). Jesus tem infinitamente sede de amor, Ele que se dá infinitamente Ao coração que se lhe dá totalmente, Jesus dá infinitamente sede do seu amor. Bebe-se na medida da sede que se tem. Por isso, para receber «as ondas de infinitas ternuras que estão n'Ele», «os rios, ou melhor, os oceanos de graças» (Ms A, 84rº), é necessário ter infinitamente sede, isto é, ter «desejos infinitos» (F. M. Léthel, a. c., pp. 139-141). «A caridade pode crescer até ao infinito» (S. Tomás, II, II, q. 24. a.7). Teresa, em plena «noite escura», «não cabe nem em si, nem no céu nem na terra» (S. João da Cruz, 2 N 11, 6), mas sente-se chamada a uma vocação de amor, que abrange todas as vocações de todos os tempos e lugares (Ms B, 3 vº).

Jesus respondeu-lhe, por S. Paulo, dizendo-lhe «que a Caridade é o *caminho excelente* que conduz com segurança a Deus». Teresa, cheia de alegria delirante (no acto da descoberta) e da paz calma e serena do navegador que avista o faról que o deve guiar ao porto (quando escreve), deixa transparecer o amor que o Espírito lhe infunde no seu coração, para no Coração da Igreja, que arde de Amor, encontrar a sua vocação e missão de querer ser o Amor. Vale a pena transcrever, na íntegra, o seu texto, devido à sua carismática densidade vocacional e eclesial.

«A Caridade deu-me a chave da minha *vocação*. Compreendi que se a Igreja tinha um corpo, composto por diferentes membros, não lhe faltava o mais necessário, o mais nobre de todos, compreendi que a Igreja tinha um Coração, e que este Coração estava ardendo de Amor. Compreendi que só o Amor fazia agir os membros da Igreja, que se o Amor viesse a apagar-se, os Apóstolos não anunciaríamos mais o Evangelho, os Mártires recusariam verter o seu sangue... Compreendi que o *Amor* encerrava todas as Vocações, que o Amor era tudo, que abraçava a todos os tempos e a todos os lugares... numa palavra, que ele é Eterno!... Então, no excesso da minha alegria delirante, gritei: Ó Jesus, meu Amor... encontrei por fim a minha vocação, a minha vocação é o Amor!... Sim encontrei o meu lugar na Igreja e este lugar, ó meu Deus, fostes vós quem mo deu... no Coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o Amor... assim serei tudo... assim o meu sonho será realizado!!!...»¹²¹.

Importa realçar, neste contexto, a lucidez espiritual de Teresa¹²². Ela está sábia do mistério da livre eleição do Amor e do projecto de conversão ao Amor e em amor, da reciprocidade lógica

¹²¹ Ms B, 3v^o. «Teresa faz do seu «deserto» «o coração da Igreja», que é onde se reza, ama, trabalha por amor, onde se sofre com os olhos no Crucificado e nos milhões de almas» (C. Meester, *Les mains*, p. 36).

¹²² É o «nescivi» teresiano: «Só sabe uma coisa, é amar-te, ó Jesus... ela, a pequena criança, mantém-se muito perto do trono do Rei e da Rainha, ama pelos seus irmãos que combatem» (Ms B, 4r^o). «Quis sê-lo (missionário) pelo amor e a penitência» (Ct 189). «Não descobriu a sua vocação de ser o Amor no Coração da Igreja, a partir de uma reflexão teológica de 1 Co 12-13, mas levava no seu coração, uma intuição sobre a sua vocação ardente, descobrindo, em S. Paulo, a explicação providencial da sua maravilhosa intuição» (F. Frost, *La Doctrine de Thérèse de Lisieux dans la convergence oecuménique*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus. Docteur de l'Amor*, Venasque 1990, p. 281). «Como no corpo místico da Igreja escolheu para si o coração como centro da sua missão, assim também põe a sua doutrina no centro da teologia, como «ciência de amor» (Ms B, 1r^o), como único caminho de perfeição (Ct 109), que contém todos os outros caminhos» (H. U. von Balthasar, *o. c.*, pp. 241-242).

do amor ¹²³, que se «prova com obras» ¹²⁴, durante toda a vida ¹²⁵, apesar da sua incapacidade de poder amar como é amada, com o conseqüente recurso indirecto aos Bem-Aventurados do Céu ¹²⁶ e directo a Jesus ¹²⁷, que se deixa encantar pelos seus cantos de amor, de puro amor ¹²⁸, a obra que melhor serve a Igreja ¹²⁹. Além disso, deve-se salientar que, muito embora a sua impotência ¹³⁰, «aspira às regiões mais elevadas do Amor», com a clarividência e intrepidez de amor própria dos grandes santos.

«Por mim considero-me como uma frágil avezinha coberta apenas com ligeira penugem; não sou águia, dela tenho apenas

¹²³ «Bem o *sei*, o amor não se paga senão com amor; por isso, procurei, encontrei o modo de aliviar o meu coração dando-te Amor por Amor» (Ms B, 4r^o). É o «dar a Jesus amor por amor» (Ct 203).

¹²⁴ «A pequena criança *atirará flores*, envolverá com seus perfumes o trono real, cantará com voz argentina o cântico do Amor... Não tenho outro meio de te provar o meu amor, senão atirar flores...

Quero sofrer por amor e mesmo gozar por amor» (Ms B, 4r^o-4v^o).

¹²⁵ «Sim, meu Bem-Amado, eis como se há-de consumir a minha vida» (Ms B, 4r^o). «Penso que o único meio (para chegar a ser santo)... é estimar muito os outros e provar-lhes, por todos os meios possíveis, o amor que consumirá o teu coração» (RP 8, 4r^o).

¹²⁶ «Filha da luz, compreendi que os meus *desejos* de *ser tudo*... ousou pedir-vos que me obtenhais o *vosso duplo Amor*» (Ms B, 4r^o).

¹²⁷ «O que ela pede é o Amor...» (Ms B, 4r^o).

¹²⁸ «Lembro-me que «o mais pequeno movimento de *puro amor* lhe é mais útil do que todas as outras obras juntas» (S. João da Cruz, CB 29, 2). «As mais *pequenas acções* feitas por amor são as que encantam o seu coração» (Ct 191).

¹²⁹ «Jesus, para que te poderão servir as minhas flores e cantos?... para a fazer alcançar a vitória... ó meu Jesus, eu te amo, amo a Igreja minha Mãe» (Ms B, 4v^o). «Esta obra-prima de Teresa é um acto de amor, é um puro «eu amo-te» que a esposa diz sem cessar a Jesus, o Bem-Amado... É um «amo-te» íntimo, infinito, que abraça o céu e a terra, isto é, o coração de Jesus e o de Teresa e o abre ao mundo, engrandecido como o coração da Igreja, nos seus «desejos maiores que o universo» e «esperanças que tocam o infinito», e na sua pequenez de «criancinha que *ama* pelos seus irmãos e apenas «atira flores»» (F. M. Léthel, *a. c.*, p. 154).

¹³⁰ «A avezinha queria *voar* para o sol brilhante... isso não pertence ao seu pequeno poder... ao vêr-se tão impotente?... (Ms B, 5r^o). «Jesus ama infinitamente Teresa (Ms A, 84 r^o; Or 6), porque é Deus, e Teresa também ama infinitamente Jesus (Or 2; Ct 166), mas nunca no sentido activo, mas passivo, enquanto participação do Seu amor (Ms C, 35 r^o)... É Deus que ama e não Teresa (Ms C, 12 v^o). Ele alcançará a perfeição no amor pela força do próprio Amor de Deus, quem ama nela, com ela... Para chegar a este amor infinito, que é a caridade teologal, enquanto amizade recíproca, não basta força humana, só Deus pode levar a alma para o Sol do Amor (Ms B, 5r^o), deixando-se ela levar, fazendo-se sempre cada vez mais pequena (Ms C, 3r^o). Sobre a caridade teologal (Cf. M. Paissac, *Sainte Thérèse, Docteur de la Charité*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque 1990, pp.183-200).

os olhos e o coração, pois apesar da minha extrema pequenez ousou fixar o seu Divino Sol... Que alegria para ela *continuar* ali apesar de tudo, fixar a luz invisível que se oculta à sua fé!!!...»¹³¹.

Como vemos, ela mantém sempre a mesma atitude de fidelidade contemplativa, ainda que, no realismo das suas pequenas infidelidades diárias.

«Jesus, até ao presente, compreendo o teu amor pela avezinha, pois se não afasta de ti... mas bem o sei e tu o sabes também, a imperfeita pequena criatura apesar de continuar no seu lugar (isto é sob os raios do Sol), deixa-se muitas vezes distrair um pouco da sua única ocupação... recomeça o ofício de *amor*... destinada a ser *presa* da *Águia* que fixa no centro do Sol do Amor»¹³²

Com uma oração de louvor agradecido ao Deus de Misericórdia, feito homem e presente na Eucaristia, faz-nos vislumbrar a sua contemplativa adoração do Santíssimo Sacramento.

«Ó Verbo Divino, és tu a *Águia* adorada que amo e que me *atrai*! és tu que descendo até à terra de exílio quiseste sofrer e morrer a fim de *atrair* as almas até ao seio da Eterna Morada da Trindade Bem-Aventurada, és tu que voltando para a inacessível Luz que será para sempre tua mansão, és tu que continuas ainda no vale de lágrimas, escondido sob a aparência duma hóstia branca... *Águia* Eterna queres alimentar-me com a tua substância, a mim, pobre e pequeno ser, que voltaria ao nada se o teu olhar divino me não comunicasse a vida a cada instante...»¹³³

Quase ao acabar esta sua carta, consegue ainda outra síntese do seu «pequeno caminho» para o amor¹³⁴, em termos inexcusáveis.

«Ó Jesus! deixa-me no excesso do meu reconhecimento, deixa-me dizer-te que o teu amor vai até à loucura... Como queres que perante esta Loucura, o coração não se me atire para ti? Como poderia a minha confiança ter limites?... Ah! por ti, bem o sei,

¹³¹ Ms B, 5r^o.

¹³² Ms B, 5r^o-5v^o.

¹³³ Ms B, 5v^o.

¹³⁴ «Encontram-se aqui de novo todos os elementos do seu «pequeno caminho»: a loucura da misericórdia e a confiança sem limites; a distância das «águias» que fizeram grandes coisas; a confiança de ser aceite como vítima, de ser elevada por Deus até se unir ao Amor, a aceitação da sua impotência e a sua fé inquebrantável» (C. Meester, *o.c.*, pp. 339-340).

também os Santos cometeram *loucuras*, realizaram grandes coisas porque eram águias... Jesus sou demasiado pequena para realizar grandes coisas... e a minha *loucura*, é esperar que o teu Amor me aceite como vítima... A minha *loucura* consiste em suplicar às Águias minhas irmãs que me obtenham o favor de voar até ao Sol do Amor com as próprias asas da Águia Divina... Por tanto tempo quanto quiseres, ó meu Bem-Amado, a tua avezinha continuará sem forças e sem asas, permanecerá sempre com os olhos fixos em ti, quer ser *fascinada* pelo teu olhar divino, quer tornar-se a *presa* do teu Amor... Um dia, assim o espero, Águia Adorada, virás procurar a tua avezinha, e subindo com ela à Mansão do Amor, mergulhá-la-ás para a eternidade no ardente Abismo d'Este Amor a quem se ofereceu como vítima.....»¹³⁵.

Ao concluir, quer fazer-se profeta universal de uma teologia da misericórdia e mensageira de uma antropologia da confiança. Ouçamo-la.

«Ó Jesus! bem posso dizer a todas as *pequenas almas* quanto é inefável a tua condescendência... sinto que, se por impossível, encontrasses uma alma mais fraca, mais pequena que a minha, tu te deliciarias a colmá-la de favores maiores ainda, se ela se abandonasse com inteira confiança à tua misericórdia infinita»¹³⁶.

Imediatamente se dá conta de que «um só é o Mestre» (Mt 23, 8) desta «*schola amoris*». Por isso, deixa-lhe o protagonismo: «porque desejar comunicar os teus segredos de amor, ó Jesus, não foste unicamente tu quem mos ensinaste e não podes revelá-los a outros?...». Consciente de que Jesus é «o mensageiro e a mensa-

¹³⁵ Ms B, 5v^o. Estamos ante o silêncio e a fraqueza do «amor louco de Deus pelos homens» — o «*manikos éros* (N. Cabasilas) — vivido por Teresa, como eloquência e fortaleza de «um amar-deixando-se-amar», que é oferecimento contínuo a uma contínua transformação e consumação no amor (Ms A, 84r^o). É o «mistério das preferências de Jesus», o Sol do amor, no seu amor livre e gratuito: «a sua razão é que ele não tem razão» (Ct 89). Teresa é «Doutora do Amor que se quer dar» (Ms A, 2v^o), em sua acção transformadora do coração do homem (Ct 197), ao «dizer a todas as pequenas almas quanto é inefável a condescendência de Jesus» (Ms B, 5v^o). «Assim como pôde ser proclamada padroeira das missões, assim também poderá ser doutora do evangelho da Misericórdia sem ter feito outras obras escritas que os seus manuscritos autobiográficos» (F. Girard, *a. c.*, p. 180). «Ante a loucura do amor de Jesus pelos pecadores, Teresa aceita passar por louca aos olhos do mundo, ainda que consciente de que não podemos fazer por Ele as loucuras que Ele fez por nós» (Ct 169).

¹³⁶ Ms B, 5v^o.

gem»¹³⁷ desta pequena «via amoris», faz de medianeira, antes, de intercessora: «Sim bem o sei, e rogo-te que o faças, peço-te que baixes o teu olhar divino sobre um grande número de *pequenas* almas... Peço-te que escolhas uma legião de *pequenas* vítimas dignas do teu AMOR!...». A «toda pequena», termina a sua carta, orando confiadamente a misericórdia para todos os que, sem a graça, não seriam, só por si, capazes de seguir Jesus na loucura do seu amar¹³⁸.

A 13 de Setembro de 1896, sua irmã Maria, pedira-lhe que lhe escrevesse umas letrinhas sobre os doces segredos de amor que Jesus confiara a Teresa, a sua pequena esposa privilegiada¹³⁹. Teresa fê-lo, como acabamos de ver, na segunda parte do *Manuscrito B*, onde nos contou como Jesus, na loucura do seu amor, numa «noite escura», era «a luz e guia que no seu coração ardia», fonte dos seus «desejos infinitos», da sua «loucura de amor» a Jesus, caracterizada pela audácia de se oferecer como vítima ao Amor de Jesus e pela confiança ilimitada da sua esperança de ser aceite como vítima pelo Amor de Jesus. Agora, na primeira parte do *Manuscrito B*, que corresponde à carta 196, escrita posteriormente, Teresa responde ao pedido de Maria que, depois de ler «as páginas ardentes de amor», não só reconhece que sua irmã está «possuída por Deus», mas ainda que «não ama a Jesus como Teresa o ama».

¹³⁷ S. João da Cruz, CB 6, 7.

¹³⁸ Ms B, 5v^o. «Teresa quer conduzir as almas às mesmas experiências contemplativas do Amor de Deus, pois, conhecer e revelar o Amor é o ponto mais importante e central da mensagem teresiana» (P. M. Eugène, *a. c.*, p. 342). «O Amor de Jesus como amor de Deus em Jesus é a grande realidade testemunhada por Teresa, única realidade que contém todas as outras, todo o mistério de Deus e do homem. Teresa definiu a sua missão na terra como no céu, nestes termos: «Amar Jesus e fazê-lo amar» (Ct 220). Assim, na Igreja, a Santa de Lisieux aparece como sendo por excelência o *Doutor do Amor de Jesus*, inseparavelmente amando-o e fazendo-o amar, recordando ao homem do nosso tempo a sua vocação mais alta: a santidade, que consiste em «Viver d'Amor», na verdade, na plenitude» (F. M. Léthel, *a. c.*, p. 113). Ela está consciente da actividade primordial de Jesus e da sua instrumentalidade: «Todos os mais belos discursos dos maiores santos seriam incapazes de fazer sair um só acto de amor de um coração do qual Jesus não tivesse posse... Jesus serve-se de todos os meios, as criaturas estão todas ao seu serviço e Ele gosta de empregá-las durante a noite da vida afim de esconder a sua presença adorável... Ele serve-se para vir a elas dos instrumentos mais vis afim de lhes mostrar que é unicamente Ele que trabalha» (Ct 147).

¹³⁹ LC 169 (CG II, 887).

Pede-lhe, então, que, por escrito, lhe diga se pode amar Jesus como ela o ama ¹⁴⁰. Responde-lhe que «os segredos que Jesus lhe confiou, esses mesmos segredos Ele — o «mestre» da «ciência do Amor» e da «espiritualidade teresiana» da «confiança» no Amor e do «abandono» ao Amor, por «atração divina» e «reconhecimento humano» — os confia a ela ¹⁴¹ e a todos os que, na oração, se deixarem amar por Ele ¹⁴², na palavra da S. Escritura, segredada pelo Espírito de Amor, que reclama o amor da sua criatura ¹⁴³, ontem como hoje e sempre ¹⁴⁴.

«Sem se mostrar, sem fazer ouvir a sua voz, Jesus instrui-me em segredo; não é, porém, por meio de livros, pois não compreendo o que leio, ainda que de vez em quando vem consolar-me uma palavra como esta que recolhi ao fim da oração (depois de ter permanecido no silêncio e na segura): «Eis o mestre que te dou, ele te ensinará tudo o que deves fazer. Quero levar-te a ler no livro da vida, onde está contida a ciência do Amor». A ciência do Amor, ah sim! esta palavra ressoa docemente ao ouvido da minha alma, não desejo senão essa ciência... Compreendo tão bem que nada existe a não ser o amor que nos possa tornar agradáveis a Deus, que este amor é o único bem que ambiciono. Jesus compraz-se em mostrar-me o único caminho que conduz a esta fornalha Divina,

¹⁴⁰ LC 170 (17/9/1896).

¹⁴¹ «Ó querida madrinha! depois de semelhante linguagem, não nos resta senão calar-nos, chorar de reconhecimento e de amor» (Ms B, 1r^o). «Que felicidade a nossa por compreendermos os segredos íntimos do nosso Esposo» (Ms B, 1v^o).

¹⁴² «Ah! se todas as almas fracas e imperfeitas sentissem o que sente a mais pequena de todas as almas... nem uma só desesperaria de chegar ao cimo da montanha do amor, porque Jesus não nos pede grandes acções, mas apenas o abandono e o reconhecimento» (Ms B, 1v^o). «Esta confiança amorosa e o abandono, que entrega totalmente a alma amante ao Deus amado, é a disposição fundamental da espiritualidade teresiana» (P. M. Eugène, *a. c.*, p. 343).

¹⁴³ «Eis portanto tudo o que Jesus reclama de nós, não precisa das nossas obras, mas apenas do nosso amor... era o amor da sua pobre criatura que o Criador do universo reclamava» (Ms B, 1v^o).

¹⁴⁴ «Ah! mais do que nunca o sinto, Jesus está *com sede*, não encontra senão ingratos e indiferentes entre os discípulos do mundo e entre os seus discípulos íntimos, encontra, infelizmente, poucos corações que se lhe entreguem sem reserva, que compreendam toda a ternura de seu Amor infinito» (Ms B, 1v^o). Sob o olhar do amor de Deus, Teresa, qual «outra Verónica» (Ct 98), não é capaz de lhe negar nada. O que Verónica fez, quis fazê-lo Teresa, durante toda a sua vida, para consolar, aliviar, alegrar Jesus: «Abri-me minhas irmãs... as nossas almas compreenderam a vossa *linguagem de amor*, queremos enxugar o vosso *doce Rosto* e consolar-vos do olvido dos maus...» (Or 12).

este caminho é o *abandono* da pequena criança que se deixa dormir sem temor nos braços do Pai...»¹⁴⁵.

Ao dar-se conta de que não foi compreendida¹⁴⁶, esforça-se «por fazê-la compreender que, para amar Jesus, quanto mais fraco se é, mais apto se é, para ser amado por Jesus¹⁴⁷. Esta é a sua «pequena doutrina»¹⁴⁸, a sua «ciência do Amor»¹⁴⁹.

«O amor atrai o amor»

Em Junho de 1897, perante o desejo de Maria de Gonzaga — «a Madre que me ama e que eu amo»¹⁵⁰ —, Teresa, já no «outono da vida», aos 24 anos, vai acabar de Cantar as Misericórdias do Senhor¹⁵¹, a sua felicidade madura, os sentimentos da sua alma, o reconhecimento para com Deus e para com a sua Madre Pioresa¹⁵².

Possuidora de uma lúcida consciência teologal de si¹⁵³, que não é o mesmo que o conhecimento que Deus quer que dela se

¹⁴⁵ Ela resume os *fundamentos bíblicos* da doutrina da «infância espiritual»: «se alguém é pequenino venha a mim» (Prov 9, 4); «aos pequeninos é concedida misericórdia» (Sl 6, 7); «o Senhor conduzirá o seu rebanho às pastagens e reunirá os pequenos cordeiros e os apertará contra o peito» (Is 40,11); «como a mãe acalenta o filho, assim eu vos consolarei, vos tarei ao colo e vos acarinharei sobre os joelhos» (Is 66, 13.12); «oferecerei a Deus sacrifícios de louvor e acção de graças» (Sl 49, 9-14); «dá-me de beber» (Jo 4, 7).

¹⁴⁶ Ela viveu a tensão entre a inefabilidade terrena do amor místico e a sua efabilidade celeste: «Fi-lo nas páginas seguintes, mas tão mal, que me parece impossível compreenderdes» (Ms B, 1v^o).

¹⁴⁷ Ct 197. «Nestas linhas, entrega-nos o seu segredo, a estrutura íntima do seu caminho da confiança: para obter tudo o que espera, a confiança deve ser perfeita, isto é, esperar só em Deus e por causa da sua misericórdia... O acto de confiança perfeita que obtém tudo, isto é, Deus e a união perfeita, nasce das profundidades da pobreza» (P. M. Eugène, *a. c.*, pp-344).

¹⁴⁸ Ms B, 1v^o.

¹⁴⁹ Ms B, 1r^o.

¹⁵⁰ Ms C, 11r^o.

¹⁵¹ «Em vossa companhia procuro começar a cantar sobre a terra esta misericórdia infinita» (Ms C, 27r^o).

¹⁵² Teresa aponta três razões para a amar: foi ela quem a entregou a Deus; é a sua Pioresa; deu-lhe uma educação forte e maternal.

¹⁵³ «Sou *demasiado pequena*» (Ms C, 4r^o). «Tenho continuamente presente no pensamento a lembrança do que sou» (Ms C, 26v^o). «Sou uma *alma muito pequenina* que não pode oferecer a Deus senão coisas muito pequeninas» (Ms C, 31r^o). «Ver-se tal como é aos olhos de Deus: um pobre pequeno nada, sem mais» (Ms C, 2r^o). «Para mim, só tenho luzes para ver o meu pequeno nada» (CA 13.8).

tenha ¹⁵⁴, e desconhecida pelas suas irmãs ¹⁵⁵, pelo seu irmão espiritual ¹⁵⁶, talvez só de Deus conhecida ¹⁵⁷, descobriu, depois de ter procurado nos livros sagrados ¹⁵⁸, o «pequeno caminho» para a santidade ¹⁵⁹, nos «braços de Jesus» ¹⁶⁰. Na verdade, o Senhor fez por ela grandes coisas ¹⁶¹, na pequenez ¹⁶² da sua juventude ¹⁶³, provada na fé ¹⁶⁴, na alegria de sofrer por seu amor ¹⁶⁵, no amor em dor pelos que não amam ¹⁶⁶. Amou as suas irmãs ¹⁶⁷ e sentiu-se amada por elas.

¹⁵⁴ «Se lhe agrada fazer-me aparecer melhor do que realmente sou, não tenho nada que ver com isso. Ele pode livremente agir como quer» (Ms C, 2r^o). «Deus lançou um véu sobre todos os meus defeitos interiores e exteriores» (Ms C, 26v^o).

¹⁵⁵ CA 10.8.2.

¹⁵⁶ «Vós não me conheceis tal como eu sou na realidade» (Ct 224).

¹⁵⁷ «Só Deus unicamente conhece o íntimo dos corações... como são curtos os pensamentos das criaturas» (Ms C, 19v^o). «Não há ninguém que me conheça... só o bom Deus me pode compreender» (CA 11.7.1).

¹⁵⁸ «Procurei nos livros santos uma indicação do ascensor, objecto do meu desejo... e vim convencida de que tinha encontrado o que procurava» (Ms C, 3r^o).

¹⁵⁹ «Quero encontrar o meio de chegar ao Céu por um pequeno caminho muito direito, muito curto, um pequeno caminho todo novo» (Ms C, 2v^o). Cinco meses antes já tinha exposto a sua doutrina da santidade: «Suplico-vos que me ensineis agora como poderei vir a ser um santo e reparar o tempo perdido... Penso que o único meio será o de te desprezares sinceramente, de estimares muito os outros e lhes provares por todos os meios possíveis o amor que consumará o teu coração» (RP 8, 4r^o).

¹⁶⁰ «O ascensor que me deve elevar até ao Céu, são os vossos braços ó Jesus» (Ms C, 3r^o). Em Maio, a Madre Inês dizia-lhe que Deus «não a tinha feito subir como as outras a rude escada da perfeição, mas que a tinha posto num ascensor para que chegasse mais depressa a Ele» (CA 21/26.5.11). A genial imagem do «ascensor» (Ms C, 2v^o-2r^o) é o amor: «elevar-se para Deus pelo *ascensor do amor* e não pela escada do medo (Ct 258).

¹⁶¹ «Prefiro reconhecer com toda a simplicidade que o Omnipotente fez grandes coisas na alma da filha de sua divina Mãe, e que a maior foi mostrar-lhe a sua pequenez, a sua impotência» (Ms C, 4r^o). «Toda a minha vida é o que ele fez por mim. Escondeu-me inteiramente sob as suas asas!» (CA 7.6.1).

¹⁶² «Posso aspirar à santidade apesar da minha pequenez... Não preciso de crescer, ao contrário, é preciso que fique pequena, que o seja cada vez mais» (Ms C, 2v^o-3r^o).

¹⁶³ «Vós me instruistes desde a juventude... Fostes além da minha esperança» (Ms C, 3r^o).

¹⁶⁴ «Ah! se a prova que suportou desde há um ano aparecesse à vista, que surpresa!» (Ms C, 4v^o). «Apesar de não ter o gozo da fé, procuro ao menos realizar-lhe as obras» (Ms C, 7r^o). «Não me enviou esta prova senão na altura em que tive força para a suportar» (Ms C, 7v^o).

¹⁶⁵ «Existirá acaso alegria maior do que a de sofrer por vosso amor?» (Ms C, 7r^o).

¹⁶⁶ «É no meio dos sacrifícios que esta união se deve realizar na terra» (Ms C, 8v^o). «Jesus não me deu um coração insensível e é exactamente porque é

«*Aqui* sou cumulada pelas vossas delicadezas maternas... *aqui* sou amada, por vós e por todas as irmãs, e esta afeição é muito agradável»¹⁶⁸

Restava-lhe no coração o desejo de amar até ao fim¹⁶⁹, com um amor missionário¹⁷⁰. É incrível, mas é verdade que, assim como Jesus deixou «o vinho bom para o fim» (Jo 2, 10), a revelação do seu amor aos seus (Jo 13, 1), assim também Teresa, no último ano da sua vida, a jeito de despedida, «ela que amara as suas irmãs, amou-as até ao fim». Deixou-lhes, em testamento, «a (sua) contemplação da caridade em acção» e «uma *espécie* de *discurso* sobre a caridade»¹⁷¹, saído não da sua lavra, mas «do que Jesus lhe fez compreender a respeito da caridade», tanto da exterior como da espiritual¹⁷². Deu-se bem conta que a natureza e a graça se opõem na compreensão e na prática da caridade fraterna.

«Ah! como os ensinamentos de Jesus são contrários aos sentimentos da natureza! Sem o auxílio da graça seria impossível não só pô-los em prática mas até compreendê-los. Minha Madre, Jesus concedeu à vossa filha esta graça de lhe fazer penetrar as misteriosas profundezas da caridade; se ela pudesse exprimir o que compreende, ouviríeis uma melodia do Céu, mas pobre de mim, não sou capaz de vos fazer ouvir senão balbuceios infantis... Se as próprias palavras de Jesus me não servissem de apoio, ver-me-ia tentada a pedir a vossa benevolência e a arrumar a pena... Mas não, devo continuar por obediência o que por obediência comecei»¹⁷³.

capaz de sofrer que desejo que ele dê a Jesus tudo o que ele pode dar» (Ms C, 10r^o). Teresa «abre a única via de acesso possível ao mundo da descrença: o Amor... O mundo da descrença só pode ser desmantelado pela força do Amor» (P. Poupard, *a. c.*, pp. 311 e 298).

¹⁶⁷ «Ao dar-se a Deus, o coração não perde a ternura natural, antes pelo contrário, esta ternura aumenta tornando-se mais pura e mais divina... é com esta ternura que vos amo, que amo as minhas irmãs» (Ms C, 9r^o).

¹⁶⁸ Ms C, 10r^o. «Vi que me amais com um amor desinteressado... Oh, como vos amo!» (CA 5.6.1). «Amo-vos muito, muito» (CA 6.6.7).

¹⁶⁹ «Já não tenho grandes desejos a não ser o de amar até morrer de amor» (Ms C, 7v^o). «A única graça que deseja é que ela (a vida) acabe por amor» (Ms C, 8r^o). «Só conto com o amor» (Ct 242).

¹⁷⁰ «Quanto a mim dizia-lhe: Meu Deus, por vosso amor, tudo aceito» (Ms C, 9v^o). «O *amor* é e permanece a verdadeira fonte, critério, motor e fim da missão» (J. Paulo II, *R Mi* n. 60).

¹⁷¹ «Neste momento as enfermeiras praticam para comigo o que acabo de escrever» (Ms C, 17r^o).

¹⁷² Ms C, 18r^o.

¹⁷³ Ms C, 18v^o.

Parece que, como acabamos de ler, nela, a graça da inteligência da caridade, está acima da média do comum dos mortais, embora a expressão da mesma — que é outra graça da mesma graça¹⁷⁴ — lhe pareça limitada; porém, fundamentada, não já na proximidade e semelhança da carne, antiga base *natural* da caridade fraterna (Mt 22, 39), mas «nas próprias palavras de Jesus», novo suporte *divino* da mesma (Jo 13, 34-35), não arruma a pena, já mal segura na mão, pois, não lhe «falta a água da graça», pelo menos, para «contar as graças que, nos escaldantes ardores do meio-dia, foram concedidas, como ela diz, à pequena flor da SS.^{ma} Virgem, que ela «tanto ama»¹⁷⁵. Não resistimos a uma transcrição literal, ainda que recortada, do seu texto, conscientes de que o leitor preferirá a sua integridade pura e simples.

«Este ano, minha querida Madre, Deus concedeu-me a graça de compreender o que é a caridade; já o compreendia antes, é verdade, mas de maneira imperfeita, não tinha aprofundado esta palavra de Jesus: «O segundo mandamento é *semelhante* ao primeiro: Amarás o teu próximo como a ti mesmo». Aplicava-me sobretudo a amar a Deus e foi amando-o que compreendi que o meu amor não devia traduzir-se apenas por palavras, pois: «Não são os que dizem: Senhor, Senhor! que entrarão no reino dos Céus, mas aqueles que fazem a vontade de Deus». Esta vontade, Jesus deu-a a conhecer por várias vezes, deveria mesmo dizer quase a cada página do Evangelho; mas na última ceia, quando sabe que o coração dos discípulos se inflama com mais ardente amor por Ele que acaba de dar-se a eles no inefável mistério da sua Eucaristia, este doce Salvador quer dar-lhes um mandamento novo. Diz-lhes com inexprimível ternura: Dou-vos um mandamento novo, que vos ameis uns aos outros, e que *assim como eu vos amei, assim vós vos ameis uns aos outros*. O sinal pelo qual todos conhecerão que sois meus discípulos, é amar-vos mutuamente»¹⁷⁶.

Ante esta palavra de Jesus sobre a semelhança entre o segundo e o primeiro mandamento, diante do dom que Jesus fez de si mesmo aos seus discípulos, no sacramento da Eucaristia, na quinta-feira santa, e o dom de um mandamento novo, Teresa ficou fortemente

¹⁷⁴ «Uma coisa é dar o Senhor a mercê, outra entender qual é a mercê e qual a graça e outra o sabê-la dizer e dar a compreender o que é» (S. Teresa de Jesus, *Vida* 17, 5).

¹⁷⁵ Ms C, 25v^o.

¹⁷⁶ Ms C, 11v^o.

impressionada, a tal ponto que, a exemplaridade (como amou) e a motivação (porquê amou) do amor fraterno universal de Jesus, todo ele pura graça, está na origem da sua graça de compreender o que é «a caridade fraterna perfeita».

«Como amou Jesus os seus discípulos e porque os amou? Ah! não eram as suas qualidades naturais que o podiam atrair, entre eles e Ele havia uma distância infinita. Ele era a ciência, a Sabedoria Eterna, eles eram pobres pecadores ignorantes e cheios de pensamentos terrestres. Contudo, Jesus chamou-os seus amigos, seus irmãos. Quer vê-los reinar com Ele no reino de seu Pai e para lhes abrir este reino quer morrer numa cruz conforme afirmou: Não há maior amor que dar a vida por aqueles que se ama»¹⁷⁷.

Este «maior amor», concretizado no «dom da vida» pelos que se ama, «pensado» por Teresa na oração, no sentido próprio da sua Madre Teresa¹⁷⁸, está na génese da graça de compreender que entre ela e Ele havia uma «distância infinita» no amar¹⁷⁹, como se vê pela consciência do seu modo imperfeito de amar, também ela não favorecida pelas «qualidades naturais» dalgumas das suas irmãs.

«Madre muito querida, ao meditar estas palavras de Jesus, compreendi quanto o meu amor pelas minhas irmãs era imperfeito, vi que não as amava como Deus as ama. Ah! compreendo agora que a caridade perfeita consiste em suportar os defeitos dos outros, em não se escandalizar com as suas fraquezas, em se edificar com os mais pequenos actos de virtude que se lhes vêem praticar, mas sobretudo compreendi que a caridade não deve permanecer encerrada no íntimo do coração: Ninguém acende uma lâmpada, disse Jesus, para a meter debaixo do alqueire, mas coloca-se sobre o candelabro, para que ilumine *todos* os que estão em casa, sem exceptuar ninguém»¹⁸⁰.

¹⁷⁷ Ms C, 12r^o. «O que Ele deseja, o que Ele vem procurar à terra, são amigos, irmãos, para os levar consigo ao seu reino Celeste» (RP 6, 9r^o).

¹⁷⁸ Não do «pensar muito», mas do «amar muito» (S. Teresa de Jesus, 4 M 1, 7; F 5, 2).

¹⁷⁹ Com tal consciência seria um martírio a sua oração: «Vendo o muito que vos ama, passais por esta pena de estar muito com quem é tão diferente de vós» (S. Teresa de Jesus, *Vida* 8, 5). A pequena Teresa diz de si o que de si diz a grande Teresa: «Alma com *tão pouquíssima* caridade, comparada com a de Cristo, que se poderia dizer *quase nenhuma* em comparação» (*Id.*, 5 M 2, 13-14).

¹⁸⁰ Ms C, 12r^o. «O amor na vida consagrada toma para si o amor universal de Cristo como única forma» (H. U. von Balthasar, *o. c.*, p. 160).

A passagem do passado amor imperfeito — que não insincero (Rm 12, 2), nem hipócrita (1 P 1, 22) — à compreensão presente do amor perfeito, deve-se, em Teresa, à contemplação da revelação divina, na sua unidade indivisível e na sua evolução histórica, como «era da lei» (antiga) e como «era da graça» (nova lei)¹⁸¹, aquela ainda uma sábia pedagogia amorosa antropocêntrica — «amar o próximo como a si mesmo... sabendo bem em que grau se ama a própria pessoa, não podia pedir às suas criaturas um amor maior pelo próximo» — esta já uma amorosa pedagogia cristocêntrica: «já não é de amar o próximo como a si mesmo que fala, mas de o amar como *Ele, Jesus, o amou*, como o amará até à consumação dos séculos».

«Quando o Senhor ordenara ao seu povo que amasse o próximo como a si mesmo, ainda Ele não tinha descido à terra; por isso sabendo bem em que grau se ama a própria pessoa, não podia pedir às criaturas maior amor pelo próximo. Mas quando Jesus proclamou aos apóstolos um mandamento novo, *o seu mandamento*, como lhe chama a seguir, já não é de amar o próximo como a si mesmo que fala mas de o amar como *Ele, Jesus, o amou*, como o amará até à consumação dos séculos...»¹⁸².

O trânsito deste antropocentrismo amoroso¹⁸³, para o cristocentrismo amoroso¹⁸⁴, do «amor maior», pedido às criaturas, ao

¹⁸¹ «A lei foi dada para se invocar a graça, a graça foi dada para que se observasse a Lei» (S. Agost., *De spiritu et littera*, 19, 34; CSEL 60, 187).

¹⁸² Ms C, 12vº. Este «como» exige a *imitação* do amor de Jesus (Jo 13,14-15), indica a *medida* com que Jesus amou (Jo 15, 12), «até ao fim» (Jo 13, 1), os seus irmãos (Cf. J. Paulo II, *EV* n. 20). Cristo não é só o sujeito (modelo) da caridade, mas «fez seu este Mandamento da caridade para com o próximo e enriqueceu-o de novo sentido, ao querer identificar-se com os irmãos, como *objecto* da caridade» (Concílio Ecuménico Vaticano II, *AA* n. 8).

¹⁸³ Este «mandamento exprime «a singular dignidade da pessoa humana», que é a única criatura na terra que Deus ama por si mesma e que não pode realizar-se plenamente senão pelo dom sincero de si mesma» (J. Paulo II, *EV* n. 13; *GS* n. 24). Nesta «nova era» «pós-moderna», em que reina o individualismo a ultrança — «salve-se quem puder! A mais bela flor é o narciso! Viva o individualismo! — sem remédio imediato (E. Rojas, *El hombre light. Una vida sin valores*, Madrid, 1993, pp. 9.e 94), só uma pedagogia libertadora da solidariedade humaniza o homem: «a meta do homem é superar o seu próprio narcisismo («auto-amor»)»... pelo menos até ao ponto onde o *próximo* (igual) se torne tão importante quanto a própria pessoa... pelo amor ao estranho (diferente) e ao estrangeiro (inimigo)» (E. Fomm, *O Coração do Homem. Seu gênio para o Bem e para o Mal*, Rio de Janeiro, 1981, pp.98-99). Teresa superou-o como «rosa mística», como «rosa desfolhada» (P 51).

¹⁸⁴ «O *próprio Jesus* é o cumprimento vivo da Lei... com o dom total de si; *Ele mesmo* se tornou Lei viva e pessoal... dá, pelo Espírito, a graça de partilhar a sua própria vida» (J. Paulo II, *EV* n. 15).

«maior amor» de Jesus, é, paulinamente, «lei de Cristo» (Gl 6, 2) — «o fim da lei é Cristo» (Rm 10, 4) —, que «não veio revogar a Lei, mas dar-lhe pleno cumprimento» (Mt 5, 17). Se «a Deus tudo é possível» (Mt 19, 26) e «tudo é possível a quem crê» (Mc 9, 23), então, o «amai-vos uns aos outros como eu vos amei» (Jo 15, 12) leva implícito o «sem mim nada podeis fazer» (Jo 15, 5). Noutros termos, o facto de «a graça e a verdade nos virem de Cristo» (Jo 1, 17), o dom de «todos recebermos da Sua plenitude graça e graça» (Jo 1, 16), e de «nos podermos tornar filhos de Deus» (Jo 1, 12), e de «nos chamarmos amigos» (Jo 15, 15) e de «nos amarmos como irmãos» (Jo 20, 17), implica uma compreensão da lei como graça, do mandamento como dom¹⁸⁵, do Evangelho como amor gratuito e exigência de gratuidade¹⁸⁶. Nesta perspectiva, também a sua caridade fraterna é radicalmente graça, que é o próprio Jesus a amar nela as suas irmãs.

«Ah, Senhor, sei que não ordenais nada de impossível, conheceis melhor do que eu a minha fraqueza, a minha imperfeição, bem sabeis que nunca poderia amar as minhas irmãs como vós as amais, *se vós mesmo*, ó meu Jesus, as não *amásseis* também *em mim*. É porque vós queríeis conceder-me esta graça que decretastes um mandamento *novo*. Oh! quanto o amo pois me dá a certeza de que a vossa vontade é *amardes em mim* todos aqueles que me mandais amar!...»¹⁸⁷.

Daí que, a graça de uma profunda compreensão do que é a caridade, se manifeste numa crística experiência carmelitana contemplativa e apostólica da mesma caridade.

¹⁸⁵ O agostiniano «dá o que *mandas* e manda o que *queres*» (S. Agost., *Conf. X*, 29, 40; CCL 27, 176) encontra versão teresiana: «é porque queríeis conceder-me esta *graça* que decretastes um *mandamento novo*» (Ms C, 12v^o). «S. Agostinho dir-nos-á: «Escutai Teresa e segui-a, é a luz do século XX. Eu diria as mesmas coisas — para *compreender o mistério trinitário é preciso abandonar-se à loucura da misericórdia, deixar-se amar como baixo e miserável* —, com outros termos» (M. D. Molinié, *Je choisis tout. La vie et le message de Thérèse de Lisieux*, Chambray, 1992, p.230). «Deus faz possível por *graça* o que *manda*» (Catecismo da Igreja Católica, n. 2081). A «petite voie» teresiana do sofrimento e do amor é, em termos agostinianos, proposta ao P. Bellière (Ct 258): «como S. Agostinho direis: «O amor é o peso que me impele»» (*Conf.* 13, 9).

¹⁸⁶ É «o emprestar sem daí esperar nada» (Ms C, 18r^o). É o «recebestes de graça, dai de graça» (Mt 10, 8). É que «o encontro com Deus é gratuito, mas não é supérfluo» (H. Assmann), é «experiência de gratuidade» (G. Gutierrez) convertida em solidariedade com os pobres. «É nos actos *gratuitos* onde o homem se comporta de maneira especialmente criativa» (J. M. Velasco, *La religión en nuestro mundo*, p. 167).

¹⁸⁷ Ms C, 12v^o.

«Sim bem o sinto, quando sou caridosa, é unicamente Jesus que age em mim; quanto mais estou unida a Ele, tanto mais amo também as minhas irmãs»¹⁸⁸.

A seguir, aquela que «quis ter sempre pensamentos caridosos», desfia todo um rosário de casos particulares, outras tantas obras de caridade, por ela vividas na sua comunidade, em que a prática da caridade, umas vezes parece ser-lhe facilitada¹⁸⁹, e, outras, é uma «gloriosa guerra»¹⁹⁰. Além de casos de caridade, teceu todo um discurso sobre a caridade, abastecendo-se na mina abundante do Evangelho, sobretudo, na *Carta Magna* do Reino. Numa espécie de leitura meditada, faz-nos ouvir, página a página, a explicação que Jesus dá do seu mandamento novo, aplicando-a ela às delicias da sua caridade na comunidade.

«Nada existe a não ser a caridade que me possa dilatar o coração. Ó Jesus, desde que esta doce chama me consome, corro com alegria no caminho do vosso mandamento *novo*... Quero correr por ele até ao dia feliz em que, unindo-me ao cortejo virginal, poderei seguir-vos pelos espaços infinitos, cantando o vosso cântico *novo* que deve ser o do Amor»¹⁹¹.

¹⁸⁸ Ms C, 12v^o. Teresa, que respondeu à inspiração profunda da Presença da mão de Deus, que a conduziu pelo fio do crescimento interior na união com Cristo, e à envolvente Providência da mesma mão de Deus que pelo fio do êxito exterior a ligou mais às suas irmãs, poderia fazer sua, noutros termos, evidentemente, esta oração da presença: «Meu Deus, para que a todo o instante vós me encontreis tal como me desejais, e onde me esperais, isto é, para que vós me possuais plenamente, por fora e por dentro de mim mesmo, fazei que este duplo fio da minha vida eu o não rompa jamais» (T. Chardín, *O Meio Divino*, Lisboa, p. 84). «Quanto mais aprende a amar Jesus, mais também a sua *ternura* cresce para os seus queridos familiares» (Ct 133). «Amo-te mil vezes mais *ternamente* que se amam as irmãs ordinárias, pois que posso amar-te com o *coração* do nosso Esposo Celeste» (Ct 186).

¹⁸⁹ «Desde há vários meses que que não preciso de combater para praticar esta bela virtude...» (Ms C, 13v^o).

¹⁹⁰ «A prática da caridade nem sempre me foi tão agradável... uma oração de sofrimento... um concerto oferecido a Jesus» (Ms C, 30v^o). Uma *antipatia* natural vencida de tal modo pela caridade que aparece como profunda *simpatia* (Ms C, 14r^o). «Quando chegam as ocasiões sou muito imperfeita» (Ms C, 16v^o). «Estou muito longe de praticar o que compreendo e apesar de tudo só o desejo que tenho disso me dá paz» (Ms C, 17r^o). «Vais talvez pensar que faço sempre o que digo, oh, não, não sou sempre fiel, mas nunca perco a coragem, abandono-me nos braços de Jesus» (Ct 143).

¹⁹¹ Ms C, 16r^o. «Não basta amar, é preciso provar o amor» (Ms C, 15 v^o). «Se podemos permitir-nos resumir em duas palavras um itinerário espiritual (...) diria de boa vontade que a vida interior de Teresa (...) foi essencialmente caracterizada por uma constante, subtil, penetrante e, por vezes, dramática prova do seu

Só um coração dilatado pela caridade, como o dela ¹⁹², poderia aguentar pacientemente e de bom grado a caridade, por vezes, indiscreta e, mesmo molesta, dalgumas irmãs — «há *mais* de *uma boa irmã caridosa*» — que, com boa intenção, «tomam por virtude — dois dedos de conversa a desoras, para distrair quem se julga esteja cansada — o que não passa de imperfeição» — «não sei se pude escrever dez linhas sem ter sido interrompida» —, mas que lhe permite passar os «seus pensamentos» à vida ¹⁹³, numa caridade externa, com respaldo interior ¹⁹⁴, numa caridade interna, com mostra exterior ¹⁹⁵.

Possuidora da graça de compreender a caridade puramente espiritual, reconhece, por um lado, o direito que Deus tem de se servir de um instrumento humano qualquer, para amar e fazer bem às almas e, por outro, sabe que se serve dela, depois de purificado o seu amor natural ¹⁹⁶, para realizar o seu trabalho nas almas ¹⁹⁷,

amor. Prova total e, se podemos dizer, em duas fases: a primeira em que a fé e a esperança defendem, esclarecem, purificam, estabilizam e salvam o amor; a segunda, a mais curta, em que o amor, chegado à sua perfeição e inquebrantavelmente fixo no seu objecto divino, salva, por sua vez, a fé e resgata a esperança pela posse do seu objecto» (A. Combes, *Introduction à la spiritualité de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus*, Vrin, 1948, pp. 156-157).

¹⁹² «Vejo com alegria que, amando-o, o coração se me dilata, que pode dar incomparavelmente mais ternura àqueles que lhe são queridos do que se tivesse concentrado num amor egoísta e infrutuoso» (Ms C, 22r^o). «A grande oração de Jesus do Ms B mostra-nos o extraordinário engrandecimento do coração de Teresa que se torna grande como o coração da Igreja, devido ao amor de Jesus» (F. M. Léthel, *a. c.*, p. 154). «Creio que depois da minha entrada no Carmelo, o meu coração tornou-se mais terno e mais amante» (Ct 70). «Quanto mais avançamos na vida mais amamos» (Ct 132).

¹⁹³ «Procurei não impacientar-me e pôr em prática o que escrevia» (CA 15.6.5). «Escrevo sobre a caridade fraterna, e é o momento de a praticar... é tudo na terra. Ama-se o bom Deus na medida em que se a pratica» (M. Inês, PA 653).

¹⁹⁴ «Por amor de Deus e das irmãs (tão caridosas para comigo), procuro ter aspecto contente e sobretudo *está-lo*» (Ms C, 17v^o).

¹⁹⁵ «Quando a caridade lançou raízes na minha alma manifesta-se no exterior» (Ms C, 18r^o). «Os mais belos pensamentos nada são sem as obras» (Ms C, 19v^o). Obras de caridade puramente espiritual (Ms C, 19 r^o), como «o ofício do bom samaritano» (Ms C, 28 r^o).

¹⁹⁶ «Encontrava mil razões para contentar a natureza... já não sinto que seja recusar-me todas as consolações do coração, porque a minha alma está fortalecida por Aquele que eu queria unicamente amar» (Ms C, 22r^o).

¹⁹⁷ «Sou um pincelzinho para pintar a sua imagem nas almas» (Ms C, 20r^o). Recorda o modo como nas suas conversas, destinadas a inflamar-se mais no amor do Esposo, foi meio para ajudar a uma companheira de noviciado a passar de uma

nomeadamente, na correcção fraterna de uma irmã que ajuda outra irmã a compreender em que consiste o verdadeiro amor, alcançado depois de um combate corajoso de denegação de si ¹⁹⁸.

A solução mística que tinha encontrado para a sua própria santificação ¹⁹⁹, aplica-a agora para alimentar, educar e santificar as suas irmãs noviças ²⁰⁰.

«Desde que compreendi que me era impossível realizar qualquer coisa por mim mesma, o encargo que me impusestes deixou de me parecer difícil, senti que o único necessário era unir-me cada vez mais a Jesus e que o resto me seria dado por acréscimo. De facto, nunca a minha esperança foi confundida, Deus dignou-se encher-me a mãozita tantas vezes quantas foram necessárias para alimentar as suas irmãs» ²⁰¹.

A ajuda do Alto não prescinde da ajuda da terra. Ela aprendeu, ao ensinar, que as pessoas são muito diferentes. Cada uma é um mistério (sentido do sujeito) e, embora tenham mais ou menos os mesmos combates, é necessário um procedimento personalizado com cada uma (capacidade de adaptação), aliás, como faz «Nosso Senhor, que se ocupa tão particularmente de cada alma» ²⁰², mas

afeição humana auto-complacente a uma afeição inteiramente espiritual (Ms C, 21v^o). Ama as suas noviças com «verdadeiro amor», na prontidão de dar a vida por elas, não procurando fazer-se amar por si própria, mas amar a Deus e a autoridade que o representa (Ms C, 23v^o).

¹⁹⁸ «O amor alimenta-se de sacrifícios, quanto mais a alma se recusa a satisfações naturais, tanto mais se torna forte e desinteressada» (Ms 21v^o). «Sta Teresa diz que é preciso alimentar o amor... Jesus é bastante poderoso para manter só o fogo, mas contenta-se de nos ver aí meter um pouco de alimento, é uma *delicadeza* que lhe agrada e, então, Ele deita no fogo muita lenha; não o vemos, mas sentimos a *força* do calor do amor...» (Ct 143). Chamou-se, com frequência, a Teresa de Lisieux a «santa do amor». Talvez pudesse dizer-se mais justamente a santa do «sobre-amor», isto é, da esperança que, por cima de uma entrega certamente grande, mas finita e provisória, se eleva a uma maior entrega, menos finita, definitiva, que só Deus pode dar» (C. Meester, *Las Manos Vacías, El mensaje de Teresa de Lisieux*, Burgos, 1981, p. 148).

¹⁹⁹ A linguagem di-lo bem: «os braços de Jesus» (Ms C, 3r^o; 23r^o); «coloquei-me nos braços de Deus» (Ms C, 22r^o).

²⁰⁰ «Quando me foi dado penetrar no santuário das almas vi imediatamente que o encargo era superior às minhas forças, então, coloquei-me nos braços de Deus...» (Ms C, 22r^o).

²⁰¹ Ms C, 22v^o. Não um acréscimo mágico, por certo, mas de cooperação com Jesus, na guia e correcção das almas (Ms C, 23r^o).

²⁰² Ms A, 3r^o.

«dá-se a cada uma com desigual medida de graças»²⁰³. Aprendeu que se a palavra e o diálogo têm o seu valor, muito mais o têm a oração e o sacrifício²⁰⁴.

Além disso, aprendeu a custosa «obrigação de corrigir» as suas noviças²⁰⁵, que a cansavam com tantos louvores, e, com abertura total, por vezes, com vinagre, aceita ser corrigida, com alegria, por elas²⁰⁶. É o seu realismo cristão: «vi-me forçada a praticar o que ensinava às outras», que a amavam e, por isso, a obrigavam a amá-las²⁰⁷.

Denota grande capacidade de observação da natureza humana, nas suas manifestações, dentro de um grupo religioso feminino, a dupla nota em que refere que «as irmãs mais santas, são as mais amadas» (não diz expressamente, mas subentende-se implícitamente, que também são as que mais amam, senão tanto activamente, no que fazem, pelo menos, passivamente, no que suportam) e que as «almas imperfeitas (mais no sentido moral que espiritual) não são procuradas» (quererá dizer amadas?), o que a obrigou a ser boa samaritana com elas, para lhes levantar o ânimo e para agradar a Jesus.

«Quero ser amável com toda a gente (e particularmente com as irmãs menos amáveis) para alegrar Jesus...»²⁰⁸.

²⁰³ Ms A, 2v^o.

²⁰⁴ «É a oração e o sacrifício que constituem toda a minha força, são as armas invencíveis que Jesus me deu, podem atingir as almas muito mais do que as palavras» (Ms C, 24v^o).

²⁰⁵ «Preferiria mil vezes receber avisos que dá-los às outras» (Ms C, 23r^o). «O que acima de tudo me custa é observar as faltas, as mais ligeiras imperfeições e dar-lhes guerra de morte» (Ms C, 23r^o).

²⁰⁶ Ms C, 26v^o. «Esta boa saladazinha é-me servida pelas noviças no momento em que menos espero... e a minha alma saboreava deliciosamente o alimento amargo que lhe era servido com tanta abundância» (Ms C, 27r^o).

²⁰⁷ «Desde que estou doente, os cuidados que me dispensais instruíram-me também imenso sobre a caridade... devia ser tão compadecida para com as enfermidades espirituais das irmãs, como vós sois, ao cuidardes de mim com tanto amor» (Ms C, 27r^o).

²⁰⁸ Ms C, 28v^o. Jesus convidou para o seu banquete os pobres (Lc 14,12-14), e, amou os seus discípulos, não pelas suas qualidades naturais, mas porque é o Esposo, Aquele que ama (Ms C, 12r^o). Teresa fez o mesmo, como consta do seu «acto de caridade» — já de noviça não queria perder tão bela ocasião de exercitar a caridade para com Cristo na pessoa da Ir. S. Pedro (Mt 25, 40), feito «com tanto

Se a palavra de Jesus convida a que convidemos (amemos) a todos, mas, sobretudo, os menos amados (entenda-se pelos humanos), o exemplo de Teresa — «os dez minutos empregados em cumprir o seu humilde ofício de caridade» — deve arrastar toda a família carmelitana, «como perfume que nos deve levar a praticar a caridade».

«Que banquete poderá uma carmelita oferecer às suas irmãs a não ser um banquete espiritual composto de caridade amável e alegre?»²⁰⁹

Banqueteada pelo amor de Deus — «o Senhor é tão bom para comigo» — com o dom da união espiritual com *dois* dos seus apóstolos, converteu-se numa excelente «auxiliar», em primeiro lugar, pela oração e sacrifício e, depois, por carta, incitava a amar a Deus mais intensamente²¹⁰. Se «o zelo de uma carmelita deve abrasar o mundo», o de Teresa abarcou o universo, orando por todos os missionários e sacerdotes, pelas intenções do Santo Padre, porque «atraída» por Jesus, «não pode correr sozinha, mas arrasta consigo todas as almas que ama»²¹¹. A santa, no amor do seu coração, ao orar sacerdotalmente, santifica os que ama²¹², atrai sobre eles os favores do Pai Celeste e pede que um dia estejam todos reunidos no lindo Céu²¹³. Não só se «apropria das palavras de

amor que me seria impossível fazê-lo melhor se houvesse de conduzir o próprio Jesus (Ms C, 30r^o), «com o mais belo sorriso» (Ms C, 29r^o-29v^o), «com o mais amável sorriso» para a Ir. Teresa de S. Agostinho (Ms C, 14r^o). Por isso, «ela é aquela santa, cujo olhar, palavras e actos, «traduzem no céu» os cuidados dos homens e na terra o sorriso de Deus» (P. Evdokimov, *A loucura do amor de Deus*, Ed. Paulistas, 1979, p. 62). «Quando *sorris* às tuas irmãs / Ó minha esposa, teu *sorriso* / Basta para enxugar minhas lágrimas» (RP 5, 2v^o). Na verdade, «as mulheres consagradas estão chamadas de modo absolutamente especial a serem, através da sua dedicação vivida em plenitude e com alegria, *um sinal da ternura de Deus para com o género humano* e um testemunho particular do mistério da Igreja que é virgem, esposa e mãe» (J. Paulo II, VC n. 57).

²⁰⁹ Ms C, 28v^o.

²¹⁰ Ms C, 31r^o; 31v^o; 32r^o.

²¹¹ «Assim como a torrente, lançando-se com impetuosidade para o oceano, arrasta consigo tudo o que encontrou na passagem, assim, ó meu Jesus, a alma que mergulha no oceano sem praias do vosso amor atrai com ela toda os tesouros que possui... as almas que tivestes por bem unir à minha» (Ms C, 34r^o).

²¹² Torna-se «receptáculo das teofanias e fonte de santificação cósmica» (P. Evdokimov, *o. c.*, p.58).

²¹³ O Ms C é a sua Quinta-feira Santa: aqui entrega o segredo da sua pessoa e o sentido do que vai viver» (G. Gaucher, *La Pasiòn de Teresa de Lisieux*, Burgos, 1975, p. 255).

Jesus»²¹⁴, da lógica do seu amor evangelizador²¹⁵ e da sua oração missionária²¹⁶, como da experiência de Jesus ser amado pelo Pai e da sua missão de fazer conhecer ao mundo o amor do Pai (Jo 17, 23-24).

Daí, «narrar Deus em si», confidenciar-nos «a sua experiência cume do amor de Deus²¹⁷ e de amar Jesus como Ele a ama²¹⁸ e lhe suplicar que ame os que ela ama, lhes dê glória superior à sua.

«Bem o sabeis, ó meu Deus, nunca desejei senão amar-vos, não ambiciono outra glória. O vosso amor precedeu-me desde a infância, cresceu comigo, e agora é um abismo cuja profundeza não posso sondar. O amor atrai o amor, por isso, meu Jesus, o meu lança-se para vós, queria encher o abismo que o atrai, mas pobre dele!... nem chega a ser uma gota de orvalho perdida no oceano!... Para vos amar como vós me amais, preciso pedir-vos emprestado o vosso próprio amor, só então encontro repouso. Ó meu Jesus, é talvez ilusão, mas parece-me que não podeis colmar uma alma com mais amor do que colmastes a minha; é por isso que ousou pedir-vos que ameis os que me destes como me amastes a mim. Se um dia, no Céu, descubro que os amais mais do que a mim, alegrar-me-ei com isso, reconhecendo desde já que essas almas merecem o vosso amor muito mais do que a minha; mas cá na terra, não posso conceber maior imensidade de amor do que a que vos dignastes prodigar-me gratuitamente sem nenhum mérito da minha parte»²¹⁹.

De seguida, no comentário à palavra do *Cântico* : «Atraí-me, correremos» (Cânt 1, 3), coloca-nos ante a imensidade da graça de

²¹⁴ Ct 258. «Ouso empregar as palavras que dirigistes ao Pai Celeste...» (Ms C, 34r^o-34v^o).

²¹⁵ Antes fora-lhe revelado «o segredo de se apropriar da sua chama» pelo «oferimento como Vítima ao Amor de Jesus» (Ms B, 3v^o), agora, é pelo «pedir emprestado o vosso próprio amor» (Ms C, 35r^o). Reconhece-se evangelizadora de suas irmãs noviças: «aplico às minhas irmãzinhas as primeiras palavras recolhidas do Evangelho: «comuniquei-lhes as palavras que me comunicastes» (Ms C, 35r^o).

²¹⁶ «Como poderia eu não orar pelas almas que eles hão-de salvar nas longínquas missões por meio do sofrimento e da pregação?» (Ms C, 35v^o).

²¹⁷ F. Ibarria, *Dios como plenitud del existir en Teresa de Lisieux*, em *Rev. de Spirit.* 54 (1995), p. 349.

²¹⁸ Teresa leva-nos até à radicalidade da extrema pobreza do nosso «nada», da nossa incapacidade de amar Jesus, a não ser com o próprio amor de Jesus (Ms C, 35r^o), e de amar os irmãos, senão sendo Jesus a amar em nós (Ms C, 12v^o). No particular, segue a lógica evangélica do seu Pai e Mestre no Carmelo: «Deus ama-nos para que o amemos mediante o amor que nos tem» (Ct 33).

²¹⁹ Ms C, 35r^o.

ser amada por Jesus e, novamente, de que Ele ame os que ela ama. Ela é o ferro «identificado» com o fogo, em graça de união amorosa com Jesus.

«Que vem a ser pedir para ser *Atraído*, senão unir-se de uma maneira íntima ao objecto que cativa o coração?... Eis a minha oração, peço a Jesus que me atraia para as chamas do seu amor, que me una tão estreitamente a Si, que Ele viva e actue em mim. Sinto que quanto mais o fogo do amor abrasar o meu coração, tanto mais direi: *Atraí-me*, mais também as almas que se aproximarem de mim (pobre pedacinho de ferro inútil), se me afastasse da fogueira divina), mais estas almas correrão com rapidez no odor dos perfumes do seu Bem-Amado, porque uma alma abrasada de amor não pode continuar inactiva» ²²⁰.

Ela é outra Madalena aos pés de Jesus a escutar a sua doce palavra inflamada, a suplicar a graça de atracção, união, abrasamento no fogo do amor, a ser instrumento de atracção para os que dela se aproximem.

«Mantém-se como S.^{ta} Madalena aos pés de Jesus, escuta a sua palavra doce e inflamada. Parecendo não dar nada, dá muito mais que Marta, que se atormenta com muitas coisas e quereria que sua irmã a imitasse» ²²¹.

Faz parte daquela lista de santos ²²² que, na oração ²²³, compreenderam a doutrina evangélica da «unidade de vida» (Lc 10,

²²⁰ Ms C, 35v^o-36r^o. Teresa recorre ao símbolo patrístico da divinização do homem e, conseqüentemente, da humanidade que, sob a atracção do Amor de Jesus por todos (Jo 12, 33), é como o ferro tornado incandescente pelo fogo, subentenda-se do Espírito Santo. Porque ela própria foi totalmente atraída pelas chamas do Amor de Jesus, a ponto de ficar incandescente, tornou-se tão atraente, isto é, atrai para o amor de Jesus tantos homens e mulheres espalhados pelo mundo inteiro. É amando-O que ela O faz amar, manifestando em toda a sua vida, como em espelho, toda a beleza fascinante e atraente do Amor de Jesus (F. M. Léthel, *u. c.*, p. 114). Teresa está a fazer a apologia da vida contemplativa de oração e de amor escondidos na Igreja, pedindo aos seus irmãos que todos os dias rezem por ela a seguinte oração: «Pai misericordioso, em nome do Doce Jesus, da Virgem Maria e dos santos, suplico-Vos que abraçais a minha Irmã no vosso Espírito de Amor e que lhe concedais a graça de Vos fazer amar muito» (Ct 220).

²²¹ Ms C, 36r^o.

²²² Para uma visão actual da natureza e unidade da «teologia dos santos», ao longo da História da Igreja, como «compreensão com todos os santos do amor de Cristo que sobrepassa todo o conhecimento» (Cf. F. M. Léthel, *Connaitre L'Amour du Christ qui surpasse toute connaissance. La Théologie des Saints*, ed. du Carmel, Venasque, 1989).

39-41), a «ciência Divina» do Amor, contemplativo e apostólico, que salvou, salva e salvará o mundo, consagrando-o a Deus ²²⁴.

J. Baptista «deu a conhecer ao povo a salvação pela remissão dos pecados» (Lc 1, 77). Jesus é «o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo» (Jo 1, 29). Teresa, termina o *Ms C*, com um último olhar para o lucano Jesus da misericórdia ²²⁵ — é o Amor de Misericórdia que salva o mundo ²²⁶ — quem, na sua ultimidade, atende misericordiosamente, não só a humildade do publicano, a amorosa audácia da Madalena, o arrependimento do filho pródigo, a pecadora convertida que morreu de amor ²²⁷, mas também atendeu sempre Teresa ²²⁸, que sabe ocupar o último

²²³ «Os maiores génios do Cristianismo adquiriram a ciência Divina na oração» (*Ms C*, 36r^o). A oração é a última palavra de Teresa, porque é o meio da fusão com Deus, a *alavanca* que «levanta o mundo». A oração foi a cátedra de Teresa: «aquela que S. Pio X chamou «a maior santa dos tempos modernos» será certamente reconhecida como sendo também a maior teóloga dos tempos modernos». Na verdade, a sua interpretação existencial do Evangelho, na letra e no Espírito, como comunhão no Amor de Jesus, representa o máximo de hermenêutica eclesial. (F. M. Léthel, *a. c.*, p. 116).

²²⁴ «O Criador espera pela oração de uma pequena alma, para salvar uma multidão de outras» (Ct 114). «Apanhar um alfinete por amor pode converter uma alma! Que mistério!» (Ct 143). «É na alegria do amor desinteressado, oferecido inteiramente e sem reserva, que se situa a salvação do mundo... não o pragmatismo e o utilitário «amo-te para te salvar», mas o gesto purificado: «salvo-te porque te amo» (P. Evdokimov, *o.c.*, p. 61). «Consagrar o mundo é forçá-lo a passar de um estado demoníaco ao estado consciente de Deus» (*Id.*, p. 101). Na linguagem paulina, será pôr *todo o humano* em relação com Cristo (1 Co 3, 22-23).

²²⁵ «Não tenho mais que lançar os olhos para o S. Evangelho, imediatamente respiro os perfumes da vida de Jesus e sei de que lado correr» (*Ms C*, 36v^o). «Desde que me foi dado compreender também o amor do Coração de Jesus, confesso que expulsei todo o temor do meu coração» (Ct 247). Note-se a concentração no texto de S. Lucas: 14, 10; 18, 13; 7, 36-38; 15, 20-24.

²²⁶ «O amor misericordioso é, por essência, amor criador, *força que eleva*» (J. Paulo II, *DM* n. 14). É a lógica da «humilhação-exaltação» (Fil 2, 8-9), que, em Teresa, se converte em lógica de amor: «É próprio do amor o abaixar-se» (*Ms A*, 2v^o), do «abaixar-se até ao nada para transformar em fogo este nada» (*Ms B*, 3v^o).

²²⁷ «Contareis em seguida a história da pecadora convertida que morreu de amor; as almas compreenderão imediatamente, porque é um exemplo tão palpável do quer queria dizer, embora estas coisas não podem exprimir-se» (CA 11.7.6). «A história é edificante e muito própria para inspirar aos maiores pecadores confiança na misericórdia do Senhor, quando voltam sinceramente a ele» (Cf. *História de uma Alma*, ed. Carmelo, Paço de Arcos, 1996, pp. 339-341).

²²⁸ «Sempre o Senhor foi para comigo cheio de compaixão e bondade, lento em punir e abundante em misericórdias» (*Ms A*, 3v^o). «Do que estou certa é que a misericórdia de Deus a acompanhará sempre» (*Ms A*, 84v^o).

lugar²²⁹, que é o de Jesus — que «veio chamar os pecadores (Mt 9, 13), morreu solidário com eles (Lc 23,39-43), por eles (Rm 5, 8), para expiação do pecado (Rm 8, 3) de todos (Rm 11, 32) —, ante o qual se confessa «grande pecadora»²³⁰, «irmã dos pobres pecadores»²³¹, mas, liberta do «complexo de Judas»²³², deixa-nos a sua última mensagem de ouro, já escrita a lápis, a da sua inabalável confiança na Misericórdia de Jesus.

«Sim bem o sinto, mesmo que me pesassem na consciência todos os pecados que se podem cometer, iria, com o coração despedaçado de arrependimento, lançar-me nos braços de Jesus, pois sei quanto ama o filho pródigo que volta a Ele. Não é porque o bom Deus, em sua *prévia* misericórdia, preservou a minha alma do pecado mortal, que me elevo para Ele pela confiança e pelo amor»²³³

Na sua «felix culpa»²³⁴, não é imaculada, é inocente de pecado grave²³⁵ — «participou do privilégio mariano da impecabilidade grave»²³⁶ — no dizer dela, por perdão antecipado de *tudo*²³⁷, que a obriga a amar a Deus até à loucura²³⁸.

Em definitivo, «o mistério de toda a sua vida», de graça e de pecado, está nas mãos de Deus que faz misericórdia (Rm 9, 16) e,

²²⁹ «Não é para o primeiro lugar, mas para o último que corro» (Ms C, 36v^o). «A única coisa que nunca é invejada é o último lugar... corramos para o último lugar... ninguém no-lo virá disputar» (Ct 243). Embora santificada, reconhece que «o vaso da misericórdia desbordou sobre ela» (Ct 230). «A recordação das minhas faltas humilha-me, mas fala-me ainda mais de misericórdia e de amor» (Ct 247).

²³⁰ CA 12.8.3.

²³¹ Ms C, 6r^o.

²³² «Padre, haverá ainda penitência para mim? — Sim, respondeu o Santo, eu vo-lo asseguro» (Cf. História da pecadora convertida). «Para todo o pecado (existe) misericórdia» (Ct 147). «O pecado mortal não me retira a confiança» (CA 20.7.3). «Quando lançamos as nossas faltas com uma confiança toda filial no braseiro devorador do Amor, não serão elas completamente devoradoras?» (Ct 247; CA 11.7.6).

²³³ Ms C, 36v^o.

²³⁴ «Oh! como sou feliz de me ver imperfeita e de ter tanta necessidade da misericórdia do bom Deus no momento da morte!» (CA 29.7.3). «Ah, como me faz bem ter sido má!» (Ct 230).

²³⁵ Ms A, 70r^o.

²³⁶ A. Molinière, *El camino de la infancia*, em *Rev. de Spirit.* 50 (1991) p. 228.

²³⁷ Ms A, 38v^o. «Declaro que tudo me foi remido, tudo; quer o mal que fiz por mim próprio, quer o mal que, graças a ti, não fiz» (S. Agost., *Conf.*, 2, 7).

²³⁸ «Ouvi dizer que nunca se encontrou uma alma pura que amasse mais do que uma alma arrependida. Ah! quanto gostaria de desmentir tal palavra» (Ms A, 39r^o).

como ela, também nós haveremos de cair um dia, definitivamente, no mar da infinita Misericórdia ²³⁹.

Conclusão

Depois de toda esta peregrinação pela vida e escritos de Teresa de Lisieux, resta admitir que estamos perante alguém que foi agraciada por Deus e por Deus enviada para, com seu exemplo e intercessão, aprendermos «a suportar o excesso de misericórdia à qual Deus nos quer conduzir» ²⁴⁰. Na verdade, embora «a mentalidade contemporânea parece que se opõe ao Deus de misericórdia e tende a separar da vida e a tirar do coração do homem a própria ideia de misericórdia» ²⁴¹, eis que surge, nos tempos modernos, alguém que encarna e personifica um tipo especial de manifestação da «misericórdia preveniente» de Deus ²⁴², como ela conta, na parábola do «bom médico», apresentando-se como o filho que beneficia do amor providente dum *Pai* que, em Jesus, a redimiui antecipadamente, impedindo-a de cair» ²⁴³, sem, por sombras, ela o merecer ²⁴⁴.

Parece-nos que nela se resolve a dialéctica bíblica da relação da justiça com o amor, que se manifesta como misericórdia ²⁴⁵, como ela o confia.

«A mim deu-me a sua *Misericórdia infinita* e é através dela que contemplo e adoro as outras perfeições Divinas!... Assim todas me aparecem envolvidas em *amor*, mesmo a Justiça (e talvez mais do que qualquer outra) me parece revestida de *amor*... Que doce alegria pensar que Deus é *Justo*, isto é que tem em conta as nossas fraquezas, que conhece perfeitamente a fragilidade da nossa natureza. De que poderei ter medo? Ah, Deus

²³⁹ «Sim mas, é nos braços do bom Deus que caio!» (CA 15.9.2). «O homem não deve cair nunca no desespero, só pode cair em Deus e Deus nunca desespera» (P. Evdokimov, *o. c.*, p. 29).

²⁴⁰ P. Bro, *L'Actualité Théologique de Thérèse de Lisieux*, em *Thérèse de Lisieux. Conférences du Centenaire 1873-1973*, Institut Catholique de Paris, 1973, p. 144.

²⁴¹ J. Paulo II, *DM* n. 2.

²⁴² Ms C, 36v^o.

²⁴³ Ms A, 38v^o-39r^o.

²⁴⁴ Ms C, 35r^o.

²⁴⁵ «O primado e a superioridade do amor em relação à justiça manifestam-se precisamente através da misericórdia» (J. Paulo II, *DM* n.4).

infinitamente justo que se dignou perdoar com tanta bondade todas as faltas do filho pródigo, não há-de ser igualmente Justo para comigo que «continuo sempre com Ele»...?»²⁴⁶.

Se «em todas as fases da história, mas especialmente na época actual, a Igreja deve considerar como um dos seus principais deveres *proclamar e introduzir na vida* o mistério da misericórdia, revelado no mais alto grau em Jesus Cristo»²⁴⁷, quem como Teresa, que confiou na *Justiça* que Jesus terá com os que o amam — «a *esperança cega* que tenho na *sua misericórdia*»²⁴⁸ — e que é a razão da sua alegria e confiança²⁴⁹, que se ofereceu como vítima ao Amor Misericordioso²⁵⁰, pode redizer «a todas as pequenas almas quanto é inefável a sua condescendência»²⁵¹, pode proclamar que «para todo o pecado existe misericórdia»²⁵², mesmo para quem não crê, não espera e não ama²⁵³, ainda que seja apenas na «hora da morte»²⁵⁴.

«À nossa civilização refinada e indiferente que perdeu o sentido do infinito e que o sofre, Deus enviou uma criança que, com os encantos e a pureza luminosa da sua simplicidade, rediz a mensagem eterna do seu amor, a saber, que Ele nos criou por amor, que seu amor permanece vivo, que é mais ardente ainda por causa dos nossos abandonos, que espera que o amemos como filhos, que nos deixemos amar como totalmente pequeninos... No limiar deste mundo novo... Deus colocou Teresa para revelar e fazer amar o Amor, para organizar uma legião inumerável de pequenas almas que experimentaram o Amor e por ele combatem na terra... Teresa será, é já entre os grandes mestres espirituais da Igreja, entre os mais poderosos condutores de todos os tempos»²⁵⁵.

Ela que «contemplou de perto as maravilhas da sua misericórdia e do seu amor»²⁵⁶ «fala deste caminho de confiança e de

²⁴⁶ Ms A, 83v^o-84r^o.

²⁴⁷ J. Paulo II, *DM* n. 14.

²⁴⁸ Ct 197.

²⁴⁹ «Espero tanto da justiça do Bom Deus quanto da sua misericórdia» (Ct 226).

²⁵⁰ Ms A, 84r^o; Or 6.

²⁵¹ Ms B, 5v^o.

²⁵² Ct 147; Ms C, 36v^o; CA 11.7.6.

²⁵³ Ms C, 6r^o.

²⁵⁴ CA 29.7.3.

²⁵⁵ P. M. Eugène, *a. c.*, p. 361.

²⁵⁶ Ct 204.

amor»²⁵⁷, ao P. Bellière, o seu soldado, «indicando-lhe o caminho do amor e da confiança»²⁵⁸. No meio dos seus sofrimentos e nas ondas de sua amargura, ao meditar o Sl 22, ao «contemplar o mistério de amor, isto é, Jesus, o doce Jesus da Eucaristia... o *Deus Misericordioso*, o *Jesus da EUCARISTIA*»²⁵⁹, grita «ó meu Deus como sois doce para com a pequena vítima do vosso Amor Misericordioso»²⁶⁰, porque «uma pequena vítima de amor não pode achar horrível (o sofrimento) que seu Esposo lhe envia por amor»²⁶¹. Por isso, «com o seu mais amável sorriso»²⁶², não só é epifania do amor de Deus na Igreja e no mundo, mas deixa na história o encanto e a saudade da misericórdia divina, adorada e comungada diáriamente na Eucaristia.

«Ah! não poder eu no tabernáculo
Alimentar-me do Deus de amor
E por um dulcíssimo milagre
Unir-me a Ele cada dia»²⁶³.

Ela ainda, em contraponto a este milagre quotidiano de união com o Deus do amor, reconhece que Satan, «o privado de amor» que reina no orgulho, ronda pelo mundo, mesmo monástico, separando (divisão), opondo uns contra os outros (guerra) os que o Pai «congregou na unidade do amor de Cristo»²⁶⁴, para, no dizer de Teresa de Jesus, entre «poucas e mal avindas» criar, pelo egoísmo dispersivo, a discórdia fraterna — «o maior mal dos conventos» —, que não é outra coisa senão «a expulsão do Esposo da Sua própria casa»²⁶⁵.

²⁵⁷ «A sua alma é irmã da minha; está pois, chamado a elevar-se para Deus pelo ASCENSOR do amor e não a subir a rude escada do temor» (Ct 258). «É-lhe interdito ir ao Céu por um outro caminho que o de sua pobre pequena irmã» (Ct 261).

²⁵⁸ CA 12.8.2.

²⁵⁹ Ct 234. A Eucaristia é «o último limite do teu amor» e «o coração da esposa refugia-se junto do tabernáculo do teu amor» (RP 2, 5vº).

²⁶⁰ Ct 262. «O Deus da Eucaristia, o Bem-Amado Senhor Jesus» (RP 8, 5rº).

²⁶¹ CA 25.9.3.

²⁶² Ms C, 14rº.

²⁶³ RP 2, 5rº.

²⁶⁴ Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, *Vida Fraternal em Comunidade*, 1994, n.1.

²⁶⁵ S. Teresa de Jesus, CV 7, 10.

«O amor próprio é a fraqueza de todos os humanos; encontra-se também nas comunidades claustrais e eu vo-lo confio, meus amigos; é a minha arma mais segura para retardar o amor de Adonai nos corações de todas as suas freiras... Ah!... quanto me fazem sofrer amando o seu Deus!!!... Para impedir um só destes actos de amor, envio voluntariamente as minhas legiões mais poderosas, porque se não consigo fazer mal às almas possuídas por Adonai, pelo menos, estou orgulhoso de as fazer perder o menor grau de glória»²⁶⁶.

«Rodeada de amor» e «nascida para a glória», «alegrou-se em sofrer por amor de Cristo» o riso das trevas com a sua «noite do nada»²⁶⁷, avançando para «o doce martírio da morte de amor»²⁶⁸, como «herói para o combate», «reconhecendo que a vitória a Deus pertence»²⁶⁹, que Deus «confunde os fortes» e «passa as fronteiras» mesmo dos que não O amam, por meio de quem o ama e quer fazer amar.

«Fazer amar o Amor, o Amor Misericordioso, tal foi, tal é a missão de Teresa, doutora do Amor para o mundo da não-crença... Pio XI declarou:«Deus diz-nos muitas coisas por ela que foi como a sua palavra viva»: uma palavra de fé, que é esperança no amor. Teresa ensina-nos a autêntica esperança, a da fé no amor. Com seu amor evangélico e a sua compaixão mística Teresa leva o desespero deste mundo com esperança, isto é, com fé no amor»²⁷⁰.

²⁶⁶ RP 7, 3vº. A representação do *Triunfo da Humildade*, a 21 de Junho de 1896, tinha como objectivo restaurar a «união dos corações», abalada com a eleição da priora, e, como mensagem central, «impedir que o orgulhoso Satanás entre nos nossos mosteiros» (J. F. Six, *Una luz en la noche. Los 18 últimos meses de Teresa de Lisieux*, S. Pablo, Madrid, 1996, p. 78).

²⁶⁷ Ms C, 6vº e 7rº.

²⁶⁸ P 17, 14.

²⁶⁹ RP 3, 8vº.

²⁷⁰ P. Poupard, *a. c.*, pp. 311-312. «Amar Jesus e fazê-lo amar, é toda a vocação de Teresa, tanto na terra como no Céu» (Ct 254). «Amar Jesus e fazê-lo amar é também a vocação de todo o homem, chamado à santidade, a ser incandescente e transparente do amor de Jesus» (F. M. Léthel, *a. c.*, p.155). «Que todos os instantes da nossa vida sejam para *ele só*... Só há uma coisa a fazer durante a noite, a única noite da vida que não virá *senão uma vez*, é amar, Amar Jesus com toda a força do nosso coração e salvar-lhe almas para que Ele seja *amado*... Oh! fazer amar Jesus!» (Ct 96). Sim, porque «o amor pode fazer tudo»: «As coisas mais impossíveis não lhe parecem difíceis, Jesus não olha tanto à grandeza das acções nem mesmo à sua dificuldade, quanto ao amor que faz fazer estes actos...» (Ct 65).

Tinha, aliás, gravada no friso da porta da sua cela o objecto do seu amor — «Jesus é o meu único Amor»²⁷¹ —, como quem não pode guardar o segredo que leva no seu coração e o desvela repetidas vezes.

«Ó Jesus, meu único Amor, é bem verdade que vos dignais repousar no meu coração?... Ó Maria, sustende a minha fraqueza, cobri-me com os vossos méritos afim de que seja menos indigna de levar o vosso Tesouro nos meus braços...»²⁷².

Eis como Teresa «cristificada por dentro» se quer mostrar «cristófora por fora», como de amada passa a amante: «uma só espera faz bater o meu coração é o amor que receberei e o que poderei dar»²⁷³. Durante a sua vida «ofereceu todas as palpitações do seu coração como outros tantos actos de amor»²⁷⁴. Por fim, desejou morrer de amor²⁷⁵, e foi atendida²⁷⁶, morrendo ao modo da «mais bela morte de amor»²⁷⁷, amando até ao fim o Esposo crucificado: «Oh, amo-O!... Meu Deus... eu vos amo!...»²⁷⁸. E «depois do exílio, nada de Fé, nada d'Esperança / Só a alegria, o êxtase do Amor»²⁷⁹.

²⁷¹ Album de fotografias de P. Descouvemont e H. N. Loose, *Thérèse et Lisieux* (Cerf, 1991) ou *DLTH*, p. 261; Cf. ainda P 15, 4; 45, 3.

²⁷² RP 8, 6^o.

²⁷³ Thérèse de Lisieux, *Oeuvres Complètes*, Cerf-DDB, 1992, p. 1177. «O que me atrai... Oh, é o Amor! Amar, ser amada e voltar à terra (para fazer amar o amor)» (*Ibid.*, p. 1152).

²⁷⁴ Or 7. «Teresa definiu a sua própria vida como um coração a coração com Jesus — «Meu coração é para Ti»... «Teu Coração é para mim» (P 24, 8.20) — e, sem nunca ter saído desta intimidade virginal-esposal, «abriu-se ao mundo», como «mãe das almas» (F. M. Léthel, *a. c.*, p. 154).

²⁷⁵ CA 27.7.5.

²⁷⁶ CA 31.8.9.

²⁷⁷ CA 4.6.1. «... É um mistério, mas asseguro-vos que compreendo qualquer coisa, porque o provo eu mesma» (CA 6.7.4). «A paixão de Teresa é, ao mesmo tempo, *terrivelmente obscura e dolorosa na fé* e maravilhosamente *luminosa, quase bem-aventurada*, do ponto de vista do *amor*... Vive o «esplendor do *amor* na kénose da fé» (F. M. Léthel, *a. c.*, p. 151).

²⁷⁸ CA 30.9. Estas são as últimas palavras de ouro da «rosa desfolhada por amor» (P 51). Na verdade, ela que disse: «Nunca lhe dei senão amor» (CA 27.7.1), disse também «não me arrependo de me ter entregado ao amor. Oh, não. Não me arrependo, pelo contrário!» (CA 30.9).

²⁷⁹ RP 6, 11^o. «Teresa vive mais em Deus que em si mesma, sem gozar do êxtase místico. Ela vive o único êxtase essencial: a transferência do amor no Amado» (H. U. von Balthasar, *o. c.*, p. 303).

«Como ressuscitada»²⁸⁰, «prometeu voltar»²⁸¹ e «só fazer sorrisos»²⁸². Deixou-nos, em testamento, a seguinte mensagem do amor:

«É do vosso coração
Que Jesus quer a melodia.
De noite , de dia
Em cantos de amor
Se consumirá vossa vida»²⁸³.

O amor «não morreu, entrou na vida»²⁸⁴. Teresa «possui — agora e para sempre — o que esperou»²⁸⁵. Foi realizado o seu sonho e a sua vocação de ser o Amor na Igreja²⁸⁶. Realiza-se e realizar-se-à a sua missão de «fazer amar o Amor» no Mundo²⁸⁷.

MANUEL REIS

²⁸⁰ CA 29.5.

²⁸¹ CA 13.7.11; 9.7.2.

²⁸² CA 10.7.11. «Se a minha fotografia não lhe sorri, a minha *alma* não cessará de *lhe sorrir* quando estiver junto de si» (Ct 258).

²⁸³ RP 5, 1v^o. Teresa fala não só do mistério da *transcendência* do nosso amor — «quanto mais pobre fores mais Jesus te amará» (Ct 211) — como da sua *imanência*: «Jesus fez-se pobre para que lhe possamos fazer caridade» (Ct 145). «A vida não tem outro sentido que o de pôr-se ao serviço do amor de Deus... Teresa é a guia mais agradável para o amor... Para saber do amor, basta amar e deixar-se amar, entendendo e experimentando o amor divino desde o amor divino-humano de Jesus, arrojando-se sempre nele pela primeira vez como criança» (H. U. von Balthasar, *o. c.*, pp. 307-308).

²⁸⁴ Ct 244. Teresa «não morreu, entrou na vida», porque «o Amor é eterno» (Ms B, 3 v^o). Como viveu, assim morreu: «Oh, amo-o!... Meu Deus, eu vos amo!...» (CA 30.9). «O seu coração que nunca se saciou na terra foi beber na fonte mesma do amor. Oh, o doce festim. Que alegria de ver a Deus, de ser julgada por aquele que amamos acima de todas as coisas» (Ct 56).

²⁸⁵ Ct 245.

²⁸⁶ Ms B, 3v^o.

²⁸⁷ Ct 221. «Enquanto estás nos ferros, não podes cumprir a tua missão; mas mais tarde, depois da tua morte, será o tempo dos teus trabalhos e das tuas conquistas» (CA 10.8.4). «Atraída e atraente; amando, fá-lo amar, como espelho do Amor de Jesus. O coração humano, criado por amor e para amar, tem sede de amar e de ser amado. É uma mensagem que nasce da profundidade do coração humano e vai direita ao mais profundo do coração humano» (F. M. Léthel, *o. c.*, p. 114). «N. S. encontra um outro travesseiro muito mais doce: é o *coração* de Celina... Não é uma pedra que sustém a sua divina cabeça... é um *coração de criança, um coração de esposa*» (Ct 144).